

MULHERES NA COMPUTAÇÃO: UMA ANÁLISE DOS FATORES DE INGRESSO, PERMANÊNCIA E SUCESSO PROFISSIONAL

Ana Carolina Barbosa dos Santos

acbs6@discente.ifpe.edu.br

Viviane Cristina Oliveira Aureliano

viviane.aureliano@jaboatao.ifpe.edu.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar os fatores que influenciam o ingresso, a permanência e o sucesso das mulheres na área de computação, tanto como identificar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas ao longo da jornada acadêmica e profissional. A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas com estudantes do gênero feminino de cursos de computação e, posteriormente, os dados foram analisados com o uso da técnica de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram a presença de uma variedade de determinantes que impactam a entrada e a continuidade de mulheres no setor, como o apoio familiar, a afinidade com a tecnologia, motivações financeiras, flexibilidade e o fortalecimento propagado por redes de apoio, os quais tiveram efeito sobre o processo de inserção e continuidade das mulheres na área. Os resultados também ressaltaram a relevância de iniciativas que promovam a inclusão e o apoio contínuo às mulheres, apontando a necessidade de estratégias que favoreçam a presença feminina na computação.

Palavras-chave: Mulheres; Computação; Gênero; Ingresso; Permanência.

ABSTRACT

This study aims to investigate the factors influencing the entry, persistence, and success of women in the field of computing, as well as to identify the challenges they face and the strategies they adopt throughout their academic and professional journeys. The research was conducted through semi-structured interviews with female students enrolled in computing courses, and the data were subsequently analyzed using content analysis techniques. The results highlighted a variety of determinants affecting women's entry and continuity in the field, including family support, affinity with technology, financial motivations, flexibility, and the empowerment provided by support networks, all of which influenced their process of insertion and persistence in the sector. The findings also emphasized the importance

of initiatives that promote inclusion and continuous support for women, pointing to the need for strategies that encourage the presence of women in computing.

Keywords: Women; Computing; Gender; Entry; Persistence.

1 INTRODUÇÃO

A trajetória da inserção feminina no âmbito computacional é caracterizada por um desenvolvimento intrincado ao longo da história: desde os feitos visionários de Ada Lovelace, cuja concepção do primeiro algoritmo computacional no século XIX representa um marco seminal, até a participação crucial das mulheres em eventos históricos como a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Na década de 1970, as mulheres constituíam a maioria no setor computacional (BBC, 2018). Contudo, apesar do cenário promissor, dados recentes revelam uma realidade inquietante: segundo a edição do Mapa da Educação Superior de 2023 elaborado pelo SEMESP (SAGRES ONLINE, 2023), apenas 16,5% das vagas nos cursos de Tecnologia da Informação (TI) no Brasil são ocupadas por mulheres, o que contrasta de forma significativa com o panorama de meio século atrás.

Para Michelle Perrot (2007), a revolução informática não apenas transformou a dinâmica das profissões na área, tornando-as mais técnicas e solitárias, mas também as associou predominantemente a um ambiente masculino. Uma mudança que levanta questões essenciais sobre a verdadeira igualdade de gênero na área, aspecto que continua a ser cuidadosamente examinado.

A construção social do gênero contém raízes profundas que remontam às sociedades antigas ao redor do mundo, onde papéis distintos eram atribuídos a homens e mulheres desde tempos imemoriais. Desde tenra idade, indivíduos são expostos a expectativas e normas que moldam suas identidades e comportamentos à medida que as categorias de gênero são estabelecidas. O processo de construção de identidade de gênero não se limita à imposição de características biológicas: gênero representa não apenas um ser, mas uma relação social; em outras palavras, representa-o por meio de uma classe, dentro de um sistema simbólico que atribui significados e expectativas específicas baseadas nas normas culturais e sociais vigentes (DE LAURETIS, 1987).

No contexto contemporâneo, entraves sociais e históricos continuam a exercer uma influência significativa sobre as trajetórias profissionais de mulheres, especialmente em áreas relacionadas a STEM (*Science, Technology, Engineering, and Mathematics* - Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), onde são sub-representadas. Conduzido por Master, Meltzoff e Cheryan (2021), um estudo revelou que um grupo de garotas estudantes do 1º ao 12º ano confronta estereótipos arraigados que associam a ciência da computação ao interesse predominantemente do gênero masculino, resultando em menor engajamento e senso de pertencimento. Na adolescência - período crítico de transição - meninas trivialmente experimentam uma queda acentuada na autoconfiança, influenciadas por percepções culturais que questionam suas habilidades, especialmente em áreas como Informação e Tecnologia (I&T), onde características frequentemente

associadas ao gênero são valorizadas de maneira desigual (MARGOLIS; FISHER, 2002). Ambas as investigações sublinham como as expectativas sociais em relação aos papéis de gênero moldam profundamente as percepções individuais e coletivas sobre as aptidões e interesses de meninas e meninos, exercendo um impacto significativo em suas escolhas educacionais e profissionais (EAGLY; WOOD, 2013).

Iniciada na juventude de forma não homogênea, a decisão pela carreira é um ponto de inflexão crucial na trajetória do indivíduo, marcando o início da sua própria independência. No entanto, é interferida por fatores como os modelos profissionais de familiares e professores, e é permeada por questões de gênero que acompanham meninos e meninas, além das exigências impostas pelo contexto social e cultural (SOUZA, 2015).

1.1 Definição do problema de pesquisa

No ano de 2021, o âmbito de Informação, Software, Serviços e Telecomunicações (ISSTIC) representou 2,18% do total de empregos formais no território nacional, em comparação com 1,73% registrado em 2015, evidenciando um aumento substancial de 26,01%. Em contrapartida, a ascensão do setor não foi acompanhada por um incremento equivalente na participação feminina. A taxa de mulheres representantes foi de aproximadamente 25,1% na Indústria de Software, 24,2% nos Serviços de TICs, e apenas 13,3% no campo de Telecomunicações, refletindo uma discrepância persistente na inclusão feminina nesses segmentos (SOFTEX, 2024).

Em correspondência com os dados fornecidos pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), registrou-se uma redução de 2,1% na proporção de mulheres empregadas no setor de Informação e Comunicação, resultando em uma diminuição da participação feminina de 38,1% para 35,6% (SOFTEX, 2024). Este levantamento evidencia um problema persistente: a sub-representação das mulheres em áreas tecnológicas e de comunicação, uma indagação que se sustenta ao longo do tempo.

Observa-se que um panorama semelhante se configura nas instituições de ensino: dados revelados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2020 apontam que 79% das mulheres que ingressam em cursos voltados para a área de TI abandonam a graduação no primeiro ano. Este elevado índice de evasão destaca um desafio significativo na retenção feminina em cursos de tecnologia, refletindo barreiras que se manifestam já nas etapas iniciais da formação acadêmica. Além disso, a dificuldade não se encerra após a conclusão do curso; muitas mulheres, embora já inseridas no mercado de TI, enfrentam obstáculos que frequentemente as levam a desistir da carreira (VERX, 2022).

Informações extraídas do Censo da Educação Superior de 2022 apontam que a Ciência da Computação e Tecnologia da Informação (TI) continua a apresentar uma escassa presença feminina. A porcentagem das estudantes que completaram tais cursos registrou um declínio acentuado, diminuindo de 17,5% em 2012 para 15% em 2022. Desde 2013, a proporção feminina entre os concluintes dos cursos de TI não superou a marca de 15%, mesmo considerando que as mulheres compõem 60% dos graduados em geral no país (O Globo, 2024).

A ausência considerável de mulheres e de outros grupos sub-representados não só limita a riqueza das perspectivas dentro desses setores, mas também perpetua a homogeneidade que pode restringir a criatividade e a eficácia das soluções desenvolvidas. A diversidade, por outro lado, não só enriquece o conhecimento produzido, como também potencializa seu impacto e valor social (UNESCO, 2022).

O problema da pesquisa que emerge é compreender os fatores que contribuem para a baixa participação feminina e a escassez de diversidade no setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). A investigação concentrou-se em identificar as barreiras que impedem a inclusão efetiva de mulheres, bem como explorar as estratégias e intervenções que podem promover uma maior equidade de gênero e diversidade no campo da tecnologia. A compreensão desses fatores é primordial para desenvolver políticas e práticas que incentivem a atração, retenção e sucesso de mulheres na computação, e que possam servir como modelo para uma mudança expressiva no panorama tecnológico atual.

Portanto, a questão de pesquisa que norteia este trabalho é a seguinte: “Quais são os determinantes que perpetuam a baixa participação feminina na área de computação, apesar do crescimento contínuo deste domínio nos últimos anos?”.

1.2 Objetivos

Ainda há lacunas significativas no conhecimento sobre as circunstâncias que inicialmente atraem mulheres para carreiras em informática, assim como os que as incentivam a seguir nesse setor dinâmico, pois a literatura existente oferece pouca visibilidade sobre as experiências de sucesso, apesar dos obstáculos específicos, de mulheres ao longo de suas carreiras em computação e tecnologia.

1.2.1 Objetivo geral

O propósito deste estudo é identificar os fatores de ingresso/entrada, permanência e sucesso de mulheres na área de TIC.

1.2.2 Objetivos específicos

A fim de complementar o propósito do objeto da pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos:

- Analisar as experiências de mulheres na Computação, destacando os elementos-chave que as ajudaram a superar obstáculos e avançar suas carreiras;
- Destacar os pontos que contribuem e influenciam para a permanência das mulheres na área de TIC, incluindo fatores individuais e contextuais;
- Evidenciar a percepção das mulheres sobre a área de Computação, identificando como essas concepções influenciam suas escolhas educacionais, trajetórias profissionais e decisões de carreira.

1.3 Questão de pesquisa

Diante do cenário de desafios enfrentados por mulheres na área de Computação que fora exposto, investigar as nuances que influenciam suas escolhas e trajetórias profissionais torna-se uma tarefa fundamental. Compreender as motivações e os

fatores que atraem mulheres para essa área, bem como os elementos que contribuem para sua permanência e êxito em um ambiente predominantemente masculino, é essencial para fomentar um ambiente mais inclusivo e equitativo. Nesse contexto, a pergunta que guiará esta pesquisa é definida como:

- Apesar da representação feminina em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) ainda ser significativamente baixa, quais são os pontos-chave que contribuem para a permanência das mulheres na computação?

1.4 Estrutura do artigo

A seguir, configura-se um esboço da estrutura deste artigo. Na sequência, é apresentada a seção de Fundamentação Teórica, onde empreende-se uma pesquisa bibliográfica das principais teorias e investigações preexistentes que alicerçam este estudo. Posteriormente, a seção da Metodologia apresenta a arquitetura metodológica que orientou a direção deste trabalho. Logo após, na seção de Resultados, procede-se à interpretação dos resultados alcançados à luz da metodologia aplicada, com a discussão das implicações dos dados coletados. Por fim, na seção final, são expostas as conclusões do estudo, destacando as principais contribuições da pesquisa e sugerindo possíveis direções para investigações futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A alocação das mulheres em um espaço de expressão refere-se a um resultado recente de um extenso processo que dura séculos, visto que limitações ainda reverberam na contemporaneidade. Embora a participação feminina no mercado de trabalho tenha sido impulsionada por fatores econômicos, essa transição ocorreu de forma desigual: mulheres foram obrigadas a confrontar não apenas circunstâncias adversas, como também estigmas profundamente arraigados que permeiam suas funções; refletindo uma dualidade de desafios que revela a complexidade da experiência feminina, que oscila entre a busca pela própria independência e a luta contra antigos paradigmas sociais (LODI, 2000).

O século XIX representou um marco na segmentação das funções sociais por gênero: a mulher, relegada ao papel de dona de casa, não apenas lidava com as tarefas cotidianas, como também realizava atividades comerciais em setores como a indústria têxtil, garantindo não apenas a contribuição financeira, mas também a busca pela própria autonomia. Essa participação, embora marcada por desigualdades salariais e exploração, permitiu que o grupo feminino buscasse romper com os limites impostos pelas normas sociais de um contexto de dois séculos atrás (PERROT, 2017).

Apesar da comparação entre cenários que possam parecer distantes em séculos, a ênfase das autoras citadas revela que padrões estruturais ainda persistem na atualidade: a sobrecarga de responsabilidades que une o trabalho e o lar prolonga uma realidade extenuante.

Eventos históricos, como as revoluções industriais e duas Grandes Guerras, também desempenharam papéis decisivos nas relações laborais da época, à medida que as mulheres ocuparam a atividade fabril devido à falta de mão de obra

masculina. Bruschini (2007) aponta que, ainda no século XX, a presença feminina no mercado de trabalho no país já alcançava 25% na década de 1970, num período marcado por transformações sociais que impulsionaram as mulheres tanto no mercado de trabalho quanto no ingresso em universidades.

Todavia, ainda é evidente que persistem obstáculos significativos à plena igualdade na distribuição de mulheres no campo do trabalho. A segregação horizontal no contexto profissional limita substancialmente o acesso das mulheres a campos tradicionalmente associados ao gênero masculino. Tal realidade é sustentada por percepções arraigadas que vinculam características como objetividade ao universo masculino, enquanto a feminilidade é frequentemente vista por traços como emoção e cuidado. Essa dicotomia, conforme discutido por Barros e Mourão (2018), não apenas limita as oportunidades de desenvolvimento de mulheres, mas também reforça estereótipos que perpetuam a ideia de que certas áreas do conhecimento são inadequadas para elas, desestimulando sua presença em setores críticos da economia.

2.1 A escolha profissional

Vieira et al. (2019) elucidam que as preferências profissionais femininas usualmente convergem com prescrições sociais tradicionalmente associadas ao gênero feminino, como a busca por estabilidade ocupacional e a flexibilidade para harmonizar as esferas laboral e doméstica. Esse alinhamento, sustentado por estereótipos enraizados, contribui para uma segregação ocupacional que circunscreve mulheres a setores percebidos como "apropriados" à sua natureza, como saúde e educação. Em segunda instância, os autores discutem que as mulheres que adentram setores predominantemente masculinos enfrentam a expectativa tácita de internalizar posturas e comportamentos historicamente atribuídos ao perfil masculino para legitimadas em suas funções profissionais. Esse cenário expõe a permanência de barreiras implícitas, porém contundentes, já que dificultam o alcance de uma participação equânime e limitam o potencial de ascensão de mulheres a posições de maior autonomia.

Pode-se mencionar que a atração de muitas mulheres por áreas tecnológicas também reside na perspectiva de obter melhores condições de vida. Entretanto, ao ingressarem nesse domínio, enfrentam desafios significativos, como a persistência de desigualdades salariais e preconceitos que se manifestam desde a formação acadêmica até o ambiente profissional (DIAS, 2016). A identidade profissional de um indivíduo, que envolve sua percepção em relação à ocupação, é influenciada pelas normas e padrões de gênero; profissões historicamente categorizadas como masculinas manifestam uma identidade de gênero que restringe as opções profissionais disponíveis para as mulheres (CHIES, 2010).

A família e a escola surgem como as principais instâncias socializadoras responsáveis pela formação dos papéis de gênero desde a infância, o que determina diretamente futuras escolhas profissionais. Desde os primeiros anos de vida, a socialização ocorre de maneira a reforçar estereótipos de gênero, com meninas e meninos sendo orientados a adotar comportamentos, interesses e aspirações consideradas "apropriadas" para seus respectivos gêneros (LIMA et al., 2017). Uma série de fatores contribui para a limitação das perspectivas profissionais das mulheres, restringindo suas opções e influenciando a construção de suas

identidades profissionais de maneira a corresponder às expectativas sociais estabelecidas.

Por outro lado, apesar das restrições impostas nas áreas tecnológicas, o apoio familiar e o incentivo dos professores para o prosseguimento dos estudos são respaldados pela investigação de Mello et al. (2023), que os consideram determinantes na escolha pela área da computação, acentuando a importância de um ambiente propício que fomente a retenção feminina em um setor historicamente dominado por homens. Da mesma forma, o encorajamento familiar possui relevância destacada na formação das percepções das estudantes em relação à tecnologia da informação e suas implicações nas decisões profissionais (MEDEIROS et al., 2022; AVELINO et al., 2020).

Os estigmas sociais, muitas vezes, são construídos a partir dos primórdios de vida, onde brinquedos orientam crianças para papéis de gênero, sendo um comportamento aparentemente natural, porém não meramente espontâneo, pois meninos, desde cedo, são incentivados a explorar habilidades que estimulam o raciocínio lógico e espacial, enquanto mulheres são direcionadas para brinquedos que reforçam habilidades tradicionalmente associadas ao ambiente doméstico (AMARAL, 2017). Sob outra perspectiva, o contato prévio com tecnologias digitais - computadores pessoais ou videogames - ainda na infância pode ser apontado como uma circunstância motivadora para que meninas possam desenvolver inclinação para áreas de exatas (MACEDO et al., 2018).

Para Menezes e Santos (2021), ainda hoje, um conjunto de mulheres frequentemente percebe a ciência moderna como um território prevalentemente masculino, uma realidade evidenciada pela exclusão feminina que se manifesta tanto na continuidade de ambientes majoritariamente masculinos nas áreas de STEM quanto pela invisibilidade das contribuições das mulheres nesse contexto.

Embora as mulheres não recebam incentivos suficientes para seguirem determinadas ocupações, existe um grupo de mulheres que, devido à afinidade natural com a área de tecnologia e pela gama de carreiras que é ofertada, opta por ingressar na área da Computação. Essa escolha, entretanto, não deixa de ser um desafio, pois, ao adentrarem um espaço predominantemente masculino, essas mulheres frequentemente se deparam com desafios que transcendem as competências técnicas, demandando resiliência e perseverança para assegurar seu lugar em um cenário ainda tomado por disparidades de gênero. Ainda, parte das mulheres encontra adversidades adicionais, como a escassez de oportunidades de emprego que acolham de maneira justa o público feminino (BEZERRA; MACEDO; LOPES, 2023).

A percepção de autoeficácia, compreendida como a convicção do indivíduo acerca de sua capacidade de atingir o êxito, constitui um dos pilares que orientam a escolha e a trajetória profissional. Contudo, mulheres em áreas de STEM frequentemente manifestam uma autopercepção mitigada de suas próprias habilidades, um fenômeno corroborado pela internalização de estereótipos de gênero e pela escassez de figuras femininas exemplares nesse domínio. Tal cenário, conforme elucidam Saavedra, Taveira e Silva (2010), exacerba os obstáculos à permanência feminina no âmbito, consolidando barreiras ao seu pleno desenvolvimento nesse campo.

2.2 A inserção de mulheres nas áreas tecnológicas

Resultados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que mulheres correspondem a 21,3% da população brasileira que conclui o ensino superior. Em contrapartida, o Censo da Educação Superior de 2022 revelou que as mulheres compunham apenas 15,3% dos graduandos em cursos presenciais de computação e tecnologias da informação e comunicação (INEP, 2022), traçando um desafio crítico na promoção da equidade de gênero neste campo. Os dados apresentados evidenciam uma alarmante condição de baixa representatividade feminina neste campo, destacando um desafio crítico na promoção da equidade de gênero na área de TIC.

Contudo, apesar da baixa representatividade, nos últimos cinco anos, evidenciou-se um crescimento de 60% na participação feminina em empregos no setor tecnológico (CAGED, 2022), fato que demonstra um notável aumento no número de mulheres buscando atuar na tecnologia e inovação.

O relatório elaborado pela UNESCO (2018) aponta que uma miríade de aspectos interrelacionados exerce influência sobre o interesse e o engajamento de meninas e mulheres nas áreas de STEM. A desvantagem feminina não se radica na capacidade cognitiva, mas nos processos de socialização e aprendizado nos quais são imersas, os quais conformam suas identidades, crenças, comportamentos e escolhas. Tais processos são determinantes para a reduzida participação das mulheres nessas disciplinas, perpetuando um menor engajamento feminino neste domínio.

Conforme Bezerra et al. (2023), as oportunidades em um mercado promissor, a elevada empregabilidade, o acesso a redes de apoio, o incentivo dos círculos sociais e a própria identificação com a carreira são fatores que estimulam a escolha pela área de computação. Por outro lado, questões de gênero, como a ausência de modelos de referência, o tratamento diferenciado em relação aos colegas masculinos e a falta de incentivo social para atuar na área de tecnologia configuram para a evasão ou falta de interesse das mulheres na área de TIC (SANTOS; MARCZAK, 2023).

Rapkiewicz (1998) sustenta que a inclusão das mulheres no campo da informática desafia convenções de gênero, que são construídas em várias esferas sociais, como família, educação e indústria. Este ponto é corroborado por Soares (2002), que conceitua uma interseção complexa de fatores políticos, sociais, econômicos, educacionais, familiares e psicológicos ao considerar os processos de escolha profissional de modo mais abrangente.

Diante desse contexto desafiador, torna-se evidente que a investigação dos fatores que influenciam o ingresso, a permanência e o sucesso das mulheres na área de computação é crucial. A inclusão das mulheres nas disciplinas de STEM é substancial não apenas para superar empecilhos de gênero preexistentes, mas também para fomentar a diversidade de perspectivas. A presença feminina enriquece a criatividade, diminui vieses potenciais e fortalece o desenvolvimento de soluções robustas e inovadoras, como destacado pelo relatório da UNESCO (2018).

3 METODOLOGIA

Define-se que a verificabilidade é a característica que distingue o conhecimento científico, uma vez que, para que um conhecimento seja classificado como científico, é essencial identificar o método que possibilitou a sua obtenção (GIL, 2008). Esta premissa fundamental reflete a natureza dinâmica do método de pesquisa, que se adapta continuamente às condições históricas e contextuais. A pesquisa transcende a simples coleta de dados e almeja uma visão mais profunda dos fenômenos estudados. Para isso, desenvolve hipóteses e formula questões que visam validar ou refutar as suposições sobre os problemas investigados. A intenção da pesquisa é entender a essência dos problemas e fenômenos, exigindo a elaboração de hipóteses precisas e a aplicação de métodos que estejam em sintonia com o contexto atual do conhecimento e da sociedade (SILVA, 2015).

Pode-se entender que o presente estudo emprega um enfoque quanti-qualitativo, conforme Machado (2023). Para o autor, a articulação entre as metodologias quantitativa e qualitativa configura-se como uma estratégia que potencializa a análise, ao mapear as singularidades de cada perspectiva. Desse modo, a abordagem quali-quantitativa emerge como um meio de integrar e complementar esses paradigmas, valendo-se de suas respectivas prerrogativas. No contexto do trabalho, essa abordagem também se justifica pelo emprego da técnica de análise de conteúdo na interpretação dos dados coletados, o que permite uma convergência entre informações numéricas e narrativas.

Para tanto, a coleta de dados guiou-se pela condução de entrevistas semiestruturadas, que permitiu explorar as experiências e perspectivas individuais das participantes, com a captura das nuances e complexidades associadas aos determinantes que impactam na relação das mulheres com o campo de TIC. A partir da confecção do roteiro da entrevista semiestruturada, elemento que combina estrutura e flexibilidade, esta modalidade organiza a sessão de perguntas e filia o entrevistador aos objetivos da pesquisa, ao mesmo tempo em que permite a inserção de questões momentâneas durante a interação, enriquecendo o processo de aquisição de dados (CASTRO & OLIVEIRA, 2022; MINAYO & COSTA, 2018). Assim, revelam-se as percepções, crenças, valores e significados que os indivíduos atribuem a si mesmos e aos demais ao seu redor, configurando um processo de co-construção de sentido entre entrevistador e entrevistado (FRASER & GONDIM, 2004).

A fim de assegurar um levantamento de informações abrangente, o roteiro de entrevista foi organizado para percorrer aspectos essenciais das participantes, incluindo temas como identificação pessoal, aspectos de infância, trajetória educacional básica, influências familiares, formação acadêmica e inserção no mercado de trabalho. O roteiro foi baseado em dois estudos precedentes que também utilizaram entrevistas semiestruturadas para explorar a participação feminina na TIC, com foco nos desafios enfrentados e nos fatores determinantes para sua inserção na área. São eles: o trabalho de Machado (2020), que discute questões de gênero existentes no campo da tecnologia e inovação, e o estudo de Mello et al. (2023), que analisa os elementos que influenciaram a decisão de egressas de cursos de computação.

O guia de entrevista foi elaborado com foco em estudantes mulheres de cursos de computação, especialmente aquelas próximas da conclusão do curso. Este

recorte almeja percorrer as experiências e desafios enfrentados por mulheres em um estágio decisivo de sua formação acadêmica, quando estão prestes a ingressar no mercado de trabalho, um período relevante para refletir sobre o apoio e ascensão das mulheres nas esferas de TIC.

Após a composição do roteiro de entrevista, procedeu-se à realização de uma entrevista piloto, cujo intuito foi avaliar a clareza e a adequação das questões, bem como a fluidez do processo de coleta de dados. Esta etapa preliminar visou identificar ajustes necessários no roteiro, medir o tempo requerido para a condução da entrevista e garantir que as perguntas estivessem em plena consonância com os objetivos da pesquisa. Para essa fase exploratória, a entrevista piloto foi aplicada a uma estudante de um curso de computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), cujo perfil é semelhante ao das entrevistadas do estudo - ou seja, uma mulher cursando computação e próxima da conclusão do curso. Isso permitiu observar a adequação do instrumento ao contexto específico da pesquisa.

As observações feitas durante esse momento exploratório possibilitaram o aprimoramento das indagações, corrigindo eventuais ambiguidades e otimizando sua eficácia na obtenção das informações desejadas. A partir dos resultados da entrevista piloto, ajustes foram realizados no instrumento, com o objetivo de aprimorar sua acurácia e relevância para a coleta de dados junto às participantes do estudo principal.

Foram realizadas entrevistas com 20 estudantes, totalizando 430 minutos e 42 segundos de gravações, o que resultou em uma média de 21 minutos e 32 segundos por entrevista. As entrevistas foram realizadas em formato virtual via Google Meet, já que este formato não apenas facilita a inclusão de participantes de diversas localizações geográficas, mas também se ajusta às necessidades contemporâneas de acessibilidade e flexibilidade.

Além do mais, para garantir a conformidade com os princípios éticos e garantir que o processo de coleta de dados respeite os direitos das participantes, as entrevistas foram aplicadas em estrita consonância com os preceitos de consentimento livre e esclarecido. Rodrigues Filho, Prado e Prudent (2015) ressaltam que o consentimento deve ser obtido após o fornecimento de informações claras e completas, garantindo que as participantes possam tomar uma decisão consciente e autônoma.

Para tanto, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em formato de formulário eletrônico, através da plataforma Google Forms. O documento continha uma breve introdução sobre o propósito da pesquisa, bem como a solicitação de dados pessoais pertencentes às participantes. Além disso, a ficha incluía um termo de concordância, no qual as estudantes declaravam ciência de que suas informações não seriam divulgadas publicamente, sendo utilizadas exclusivamente para fins do estudo.

Antes da gravação das entrevistas, o TCLE foi apresentado às participantes, assegurando que todas estavam cientes das condições de participação. Todos os documentos foram devidamente assinados de forma online pelas participantes, garantindo o cumprimento das condições para um consentimento verdadeiramente esclarecido. Entretanto, vale ressaltar que a pesquisa não foi submetida à apreciação de um Comitê de Ética, visto que não envolveu procedimentos que

demandassem essa avaliação formal. Ainda assim, todas as diretrizes éticas foram absolutamente observadas, assegurando a integridade às participantes do estudo.

Segundo Rocha, Daher e Sant'Anna (2004), o material obtido durante a entrevista frequentemente inclui informações adicionais, como digressões e retificações. Cabe ao pesquisador, com base em critérios previamente estabelecidos, selecionar os fragmentos mais relevantes para o estudo. O foco é garantir que o material analisado seja relevante e útil para responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

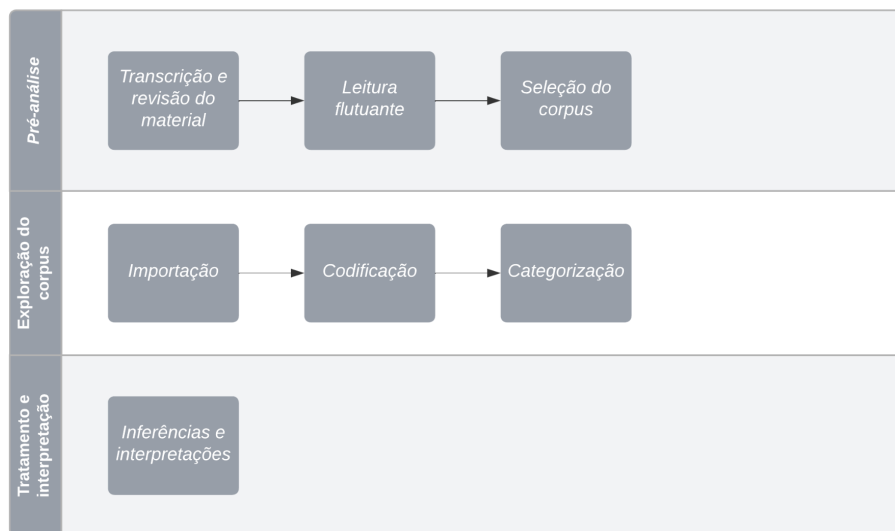
3.1 Análise de conteúdo

A análise das entrevistas foi efetuada com base na metodologia de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), ferramenta indispensável no campo da pesquisa qualitativa, ultrapassando a mera codificação dos dados ao dedicar-se à interpretação dos sentidos e significados subjacentes às comunicações. Esta metodologia possibilita a identificação de padrões e tendências que, de outro modo, permaneceriam ocultos (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2024).

Ao explorar minuciosamente as mensagens transmitidas, a Análise de Conteúdo proporcionou uma visão detalhada das condições e dos contextos individuais, permitindo não apenas examinar os fatores que atraem as mulheres para a área da computação no contexto desta pesquisa, mas também desvelar os obstáculos e determinantes que influenciam sua permanência e ascensão neste domínio. Dessa forma, essa abordagem revela, com precisão, as condições e contextos individuais das mulheres entrevistadas, iluminando o impacto dessas experiências em suas trajetórias profissionais.

Além de impreterível para a interpretação das narrativas das participantes, a metodologia empregada revelou-se adequada para constatar as interseções entre os fatores subjetivos e objetivos que permeiam suas experiências no campo da TIC. Através da análise das mensagens implícitas nas falas das entrevistadas, tornou-se evidente não apenas as reais motivações que as impulsionaram a participar da área, como também reconhecer as barreiras estruturais e culturais que enfrentaram ao longo de suas trajetórias. Logo, a utilização da metodologia possibilitou a elaboração de um panorama sólido, que articula elementos individuais, sociais e institucionais, delineando um retrato abrangente da realidade investigada.

Fluxograma 1 – Estrutura do processo metodológico aplicado nas fases da Análise de Conteúdo



Fonte: elaborada pela autora (2024).

Com isso, no trabalho proposto, a aplicação da Análise de Conteúdo seguiu estritamente os parâmetros delineados por Bardin (1977), estruturados em três estágios principais, a saber: pré-análise; exploração do corpus; e o tratamento e a interpretação dos achados. Tais etapas foram sistematicamente executadas, assegurando a profundidade hermenêutica e a fidedignidade do percurso analítico, como detalhado a seguir.

3.1.1 Pré-análise

Enquanto etapa inaugural do processo analítico, a pré-análise abarca uma série de procedimentos sistemáticos que visam organizar e estruturar o material coletado a ser investigado. Bardin (1977) descreve que, para obter-se resultados tanto válidos quanto precisos, a fase pré-analítica é de suma importância para certificar que as etapas posteriores da análise transcorram de modo eficiente.

Para tanto, primeiramente, realizou-se a transcrição: um processo que consiste na conversão de dados qualitativos — a título de exemplo, entrevistas, debates e gravações — para o formato textual. Para tal empreendimento, recorreu-se à ferramenta Whisper, concebida pela OpenAI, uma tecnologia de transcrição automática sustentada por inteligência artificial, que se destaca pela sua eficácia em transcrever áudios em texto com rapidez e precisão.

Contudo, vale ressaltar que a transcrição automática, embora eficiente, pode conter falhas que comprometem a integridade do material transcrito. Dessa forma, após a transcrição preliminar, o conteúdo das entrevistas foi submetido a uma revisão minuciosa, com a finalidade de detectar e corrigir eventuais imprecisões, como palavras mal transcritas ou equívocos interpretativos que possam ter sido erroneamente compreendidos pelo sistema automatizado. Logo, durante a revisão,

realizou-se uma leitura atenta do texto transcrito, comparando-o com a gravação original para corrigir quaisquer erros encontrados.

Em seguida, foi executada a leitura flutuante sobre todo o material transcrito, que, como proposto por Bardin (1977), se refere a um mecanismo de imersão nos dados reunidos, permitindo a familiarização com o conteúdo sem a rigidez de um foco analítico imediato. Realizou-se a leitura de forma exploratória, uma vez que a intenção principal não era estabelecer categorias ou delimitações, mas, antes, observar regularidades emergentes e tópicos de destaque de interesse, em sintonia com os propósitos investigativos traçados.

À luz das percepções derivadas da leitura flutuante, deu-se início a etapa de seleção do corpus, que refere-se a um conjunto de textos ou dados que são efetivamente analisados e que devem ser escolhidos com base em critérios claros e específicos, alinhados aos objetivos da pesquisa. A escolha do corpus não é feita de maneira aleatória; ela é orientada por um conjunto de critérios de seleção que garantem a relevância e a adequação do material ao objeto de estudo. O corpus deve ser representativo do fenômeno que está sendo investigado e suficiente para permitir uma análise abrangente, mas ao mesmo tempo focada, evitando a inclusão de dados irrelevantes ou excessivos (BARDIN, 1977).

Neste contexto, a seleção do corpus teve como desígnio rotular e demarcar os trechos das entrevistas que seriam submetidos a uma análise intensa, fundamentada na relevância temática, bem como nos determinantes de ingresso, permanência e êxito das entrevistadas no âmbito de TI. Foram igualmente inseridas narrativas que desvelam os desafios enfrentados, as motivações pessoais, as barreiras estruturais e os estímulos recebidos.

3.1.2 Exploração do corpus

Seguindo a metodologia preconizada por Bardin (1977), a exploração do material na análise de dados qualitativos, fundamental para a estruturação e interpretação dos dados obtidos, foi direcionada com a utilização do software ATLAS.ti. A ferramenta foi escolhida devido às suas funcionalidades avançadas e à sua capacidade de manejar grandes volumes de dados textuais, além de fornecer um conjunto de funcionalidades que facilitam a organização, a codificação e a análise dos dados de maneira sistemática, estruturada e alinhada a critérios semânticos.

Inicialmente, as entrevistas revisadas foram importadas para o software ATLAS.ti no formato PDF. Logo, com o suporte da ferramenta, o texto foi segmentado em unidades de registro, que podem variar entre palavras, frases ou trechos considerados relevantes para o estudo. O processo de segmentação foi desenvolvido conforme os preceitos do recorte semântico, no qual a delimitação se dá com base no conteúdo substancial, em detrimento de uma mera consideração do formato linguístico (BARDIN, 1977). Dessa maneira, foram identificadas as seções do texto que continham informações pertinentes, as quais foram organizadas de forma a viabilizar a construção de categorias coerentes e alinhadas ao escopo da pesquisa.

A codificação dos dados consiste em uma transformação dos dados brutos extraídos do texto, possibilitando a construção de representações que facilitam a interpretação e análise. Para tanto, foram atribuídos códigos às unidades de registro

segmentadas. Tais códigos refletem os temas emergentes identificados durante a fase de leitura flutuante. Portanto, a codificação, como operação indispensável, atua na agregação e organização das unidades de significação, convertendo os dados brutos em categorias estruturadas que viabilizam uma análise sistemática.

Após a codificação, a próxima fase esteve centrada no agrupamento dos códigos em categorias temáticas. A categorização é um processo de classificação e organização dos elementos do material, que são reunidos em categorias a partir de características comuns. A definição das categorias obedeceu a critérios semânticos, em harmonia com o arcabouço teórico da pesquisa.

A categorização também envolve um processo contínuo de diferenciação e reagrupamento dos elementos, fundamentado em uma lógica analógica entre os dados. Deste modo, os códigos atribuídos na fase de codificação foram integrados em categorias, configurando um conjunto coerente que propicia uma compreensão mais nítida dos temas recorrentes nas entrevistas. A análise de conteúdo analisa numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos ou temas nas entrevistas, permitindo identificar padrões e tendências significativas.

O critério de recorte adotado para as unidades de registro foi de natureza semântica, alinhando-se à definição de Bardin (1977), segundo a qual as unidades de registro correspondem às unidades de significado que devem ser analisadas, alheios à limitação da sua configuração linguística. Nesse processo, a escolha das unidades de registro revelou-se vital, requerendo decisões acerca do nível de recorte a ser realizado, seja de caráter semântico, seja formal. Como ilustração, as unidades de registro foram definidas, em determinadas circunstâncias, a partir de “temas” - configurações de significado mais amplas e complexas - ou, em outros, com base em palavras específicas que refletissem as questões centrais da pesquisa.

Em síntese, a categorização fundamentou-se na articulação das unidades de significado em um quadro analítico coeso, possibilitando uma análise detalhada das dinâmicas relacionadas ao ingresso, à permanência, aos sucessos alcançados e aos entraves percebidos pelas participantes. Desse modo, o procedimento adotado favoreceu uma percepção mais ampla acerca dos fenômenos investigados.

3.1.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Ao final da análise, com o objetivo de estabelecer uma relação entre os dados empíricos obtidos nas entrevistas semiestruturadas e o referencial teórico da pesquisa, o tratamento dos dados, previamente codificados e categorizados, concentrou-se na análise e interpretação das informações coletadas, ao buscar uma compreensão dos fatores que influenciam a entrada, a continuidade e o sucesso das mulheres no universo de TIC. Esse processo, além de proporcionar uma leitura abrangente dos resultados, possibilitou a integração com a literatura existente, ajudando tanto a validação quanto a revisão crítica das conclusões do estudo.

O primeiro passo da interpretação constituiu uma explanação acurada das categorias emergentes a partir das unidades de registro, com o intuito primordial de decifrar os significados que as participantes atribuíram às suas experiências pessoais e profissionais no setor de TI. Durante a observação, observou-se não apenas a frequência com que determinados temas se manifestaram, mas também

às minúcias e variações nas respostas, que propiciaram desvelar os padrões significativos e as tendências coletivas.

Da mesma forma, desempenhou-se a comparação entre os resultados obtidos e os estudos preexistentes que abordam a presença e o desafio das mulheres nas áreas de TIC. A literatura revisada foi substancial para evidenciar convergências, divergências e as contribuições inéditas do trabalho em questão. As vivências narradas pelas participantes foram imersas nos debates contemporâneos acerca das desigualdades de gênero nos campos técnicos, bem como nas barreiras estruturais e culturais que as mulheres encontram ao longo de sua trajetória profissional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a análise de dados, foram identificados agrupamentos distintos que abordam aspectos primordiais das trajetórias das 20 estudantes do gênero feminino entrevistadas. Como resultado, os códigos decorrentes da análise de conteúdo foram organizados em agrupamentos distintos. Esse processo possibilitou a formação de categorias que refletem os principais aspectos das experiências das participantes, permitindo uma abordagem estruturada para a interpretação dos dados.

Os principais pontos encontrados foram: influências familiares, acesso à tecnologia tanto na infância quanto na adolescência, trajetórias acadêmicas, desafios enfrentados durante a graduação, fatores que favorecem a permanência e estratégias de superação, além das questões ligadas à inserção e ascensão no mercado de trabalho. Essas categorias foram estabelecidas com base na recorrência de temas nos relatos, visando capturar padrões e elementos-chave para discussão posterior à apresentação.

A estruturação dos resultados foi formada de maneira a seguir a coerência do roteiro de entrevista, dado que o formato favorece a compreensão progressiva das narrativas apresentadas, partindo dos aspectos iniciais da formação das participantes - como a infância e a base familiar - até os elementos relacionados à graduação e à carreira. Essa perspectiva não somente respeita a ordem lógica dos temas abordados na entrevista, mas também permite uma análise mais fluida das interconexões sobre a trajetória linear das entrevistadas, evidenciando as interconexões entre momentos distintos da formação e desenvolvimento profissional.

4.1 Aspectos demográficos e informações adicionais

A tabela a seguir apresenta os dados das 20 estudantes participantes. Como uma forma de preservar a privacidade das entrevistadas, foram utilizados nomes fictícios, com base na lista das 50 mulheres mais influentes na área de tecnologia, publicada pela Forbes (2018). O intuito é garantir o anonimato das participantes, em consonância às normas éticas de pesquisa, ao mesmo tempo em que faz referência a figuras públicas que simbolizam a diversidade e a representatividade feminina no campo de TI.

Tabela 1 - Aspectos demográficos por entrevistada

Entrevistada	Idade	Cor/Raça	Renda Mensal
Jasmine	29	Branca	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Sue	23	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Joy	41	Parda	Preferiu não declarar
Sarah	23	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Karen	38	Parda	Preferiu não declarar
Ursula	21	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Jennifer	22	Branca	Até R\$ 1.000,00
Rana	27	Parda	Até R\$ 1.000,00
Amy	33	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Maria	28	Parda	Até R\$ 1.000,00
Jade	20	Branca	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Monique	20	Preta	Até R\$ 1.000,00
Katie	25	Branca	Preferiu não declarar
Sofie	25	Preta	R\$ 1.001,00 a R\$ 3.000,00
Helena	31	Preta	Até R\$ 1.000,00
Patricia	34	Preta	R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00
Anita	29	Branca	Até R\$ 1.000,00
Christine	29	Parda	R\$ 5.001,00 a R\$ 7.000,00
Pauline	26	Branca	Até R\$ 1.000,00
Michelle	21	Parda	R\$ 3.001,00 a R\$ 5.000,00

Fonte: elaborado pela autora (2025).

No que tange aos atributos demográficos das entrevistadas, observou-se uma distribuição etária heterogênea, com uma predominância na faixa compreendida

entre 25 a 34 anos. Especificamente, verificou-se que 7 participantes situam-se entre 18 a 24 anos (35% do total); 11 entrevistadas pertencem à faixa de 25 a 34 anos (55% do total); e 2 participantes encontram-se na faixa de 35 a 44 anos (10% do total). A amostra é majoritariamente composta por jovens adultas, com a média de idade de 27,5 anos, o que sugere um perfil de mulheres que estão em fase de consolidação de suas trajetórias acadêmicas e iniciando suas carreiras em TIC.

Em se tratando da identificação por cor/raça, observa-se a diversidade na presente amostra: 8 participantes declaram-se pretas (40% do total); 6 participantes identificaram-se como pardas (30% do total); e outras 6 entrevistadas como brancas (30% do total). Como a maioria da amostra é composta por alunas de computação negras, percebe-se um aspecto de representatividade na área, onde pautas de gênero e raça podem ser determinantes para o acesso e retenção das mulheres em uma área historicamente masculina e com desafios estruturais.

A composição demográfica insinua que, embora se note um aumento na presença feminina e negra na computação, entraves estruturais ainda se fazem presentes, especialmente em termos de acesso a maiores posições, como cargos de liderança. Esse ponto foi ressaltado por uma das entrevistadas, que trouxe uma reflexão crítica acerca dos desafios enfrentados por grupos minorizados no campo da computação:

“Eu acho que existem muitos programas que visam tanto atrair mulheres quanto tentar desenvolver mulheres. Mas entra muito na questão racial também, que é tipo, a gente vai colocar essas pessoas, mas elas só vão ser base, tá? Tipo, você não vai virar liderança quase nunca.” (AMY)

Tabela 2 - Informações educacionais sobre as entrevistadas

Entrevistada	Instituição	Curso
Jasmine	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Sue	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Joy	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Sarah	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Karen	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Ursula	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Jennifer	IFPE	Sistemas para Internet
Rana	IFPE	Sistemas para Internet
Amy	UFPE	Sistemas de Informação

Maria	IFPE	Sistemas para Internet
Jade	UFPE	Sistemas de Informação
Monique	UFPE	Sistemas de Informação
Katie	UFPE	Sistemas de Informação
Sofie	UNINASSAU	Engenharia da Computação
Helena	Descomplica	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Patricia	UNIVESP	Engenharia da Computação
Anita	UNOPAR	Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Christine	SENAC	Engenharia de Software
Pauline	Descomplica	Sistemas de Informação
Michelle	IFPE	Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Fonte: elaborado pela autora (2025).

4.2 Influência e incentivo familiar na carreira

Entre as 20 entrevistadas, observou-se uma variância significativa nos dados relacionados ao histórico educacional e às ocupações profissionais dos responsáveis pelas entrevistadas.

Tabela 3 - Histórico educacional e ocupação profissional dos responsáveis

Entrevistada	Escolaridade (Responsáveis)	Ocupação Profissional (Responsáveis)
Jasmine	Mãe - EF incompleto Pai - EF incompleto	Mãe - Dona de Casa Pai - Aposentado
Sue	Mãe - ES completo	Mãe - Analista de RH
Joy	Mãe - EF incompleto Pai - EF incompleto	Mãe - Bordadeira Pai - Caminhoneiro
Sarah	Mãe - EM completo Pai - EM completo	Mãe - Auxiliar de Cozinha Pai - Operador de Sinalização
Karen	Mãe - EM completo Pai - EM completo	Mãe - Artesã Pai - Sargento

Ursula	Mãe - ES completo Pai - EM completo	Mãe - Professora Pai - Autônomo
Jennifer	Mãe - Técnico incompleto Pai - Técnico completo	Mãe - Enfermeira Pai - Torneiro Mecânico
Rana	Mãe - EF incompleto Pai - EF incompleto	Mãe - Dona de Casa
Amy	Mãe - EF incompleto	Mãe - Auxiliar de Serviços Gerais
Maria	Mãe - EF incompleto Pai - EF incompleto	Mãe - Dona de Casa Pai - Comerciante
Jade	Mãe - ES completo Pai - ES completo	Mãe - Dentista Pai - Engenheiro Civil
Monique	Mãe - EM completo Pai - EM completo	Mãe - Confeiteira Pai - Tesoureiro
Katie	Mãe - ES completo Pai - EM completo	Mãe - Professora Pai - Eletricista
Sofie	Mãe - EM completo Pai - ES completo	Mãe - Auxiliar de Serviços Gerais Pai - Psicólogo/Auxiliar de Combate a Endemias
Helena	Mãe - ES completo Pai - EM completo	Mãe - Administradora Pai - Administrador
Patricia	Mãe - EM completo Pai - Técnico completo	Mãe - Sem ocupação Pai - Funcionário Público
Anita	Mãe - EF incompleto Pai - EF incompleto	Mãe - Empreendedora Pai - Motorista
Christine	Avó - EF incompleto Mãe - ES completo Pai - ES completo	Avó - Vendedora Mãe - Professora Pai - Economista
Pauline	Mãe - ES completo Pai - ES completo	Mãe - Enfermeira Pai - Administrador
Michelle	Mãe - ES completo Pai - EM completo	Mãe - Administradora Pai - Administrador

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Em relação à escolaridade, observa-se que: 37,5% das entrevistadas possuem responsáveis que completaram o ensino médio; 27,5% têm responsáveis cujo nível educacional se limita ao ensino superior completo; 25% relataram que os responsáveis concluíram apenas o ensino fundamental incompleto; e 10% mencionaram que os responsáveis possuem curso técnico.

Figura 1 - Influência familiar na carreira



Fonte: elaborada pela autora (2025).

Como observado anteriormente, não há uma presença significativa de profissionais na área de tecnologia entre os responsáveis. Quando questionadas sobre a influência familiar na escolha pela área de TI, apenas 3 entrevistadas afirmaram ter familiares atuantes do setor de TI. Esse fato indica que, embora a maioria das participantes não tenha tido uma referência direta de atuação na área de TI dentro da família, os relatos indicam que o apoio familiar foi significativo na sua trajetória. Foram identificadas 33 ocorrências que mencionaram o incentivo aos estudos e desenvolvimento profissional, mesmo sem influência direta na escolha pela área de TI. Além disso, 5 ocorrências relataram cobranças quanto ao desempenho acadêmico e à inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, 11 trechos afirmaram ter feito a escolha de forma autônoma, sem uma influência direta da família, ainda que, predominantemente, o apoio para os estudos tenha se mantido constante.

Reforça-se, ainda, a presença de 6 menções que sinalizam a existência do preconceito de gênero na instância familiar, sinalizando a resistência inicial ou dúvidas quanto à adequação da área por parte dos responsáveis. Por fim, apenas 3 referências afirmaram ter familiares atuantes do setor de TI. Apesar da baixa familiaridade dos responsáveis com o setor, o incentivo à educação esteve presente de forma unânime nas entrevistas.

Ainda que muitas tenham se sentido estimuladas ao desenvolvimento educacional e profissional, o incentivo nem sempre foi explícito no contexto da área de tecnologia. Em vez disso, o foco esteve direcionado em aspectos como

autossuficiência financeira e estabilidade na vida profissional. Esse fato reflete uma percepção sobre as vantagens da computação como profissão, muitas vezes associadas ao potencial de emprego estável e boa remuneração. Como uma das entrevistadas relata:

“O incentivo deles foi muito nessa parte de assim, você tem que continuar porque é mais fácil arrumar um emprego. Você tem que continuar com sua independência. Você tem que continuar para ter uma estabilidade financeira maior.” (MICHELLE).

Ademais, mesmo entre as entrevistadas que declararam não ter tido uma influência direta na escolha pela carreira de TI, a ausência de oposição por parte dos responsáveis foi substancial. Como enfatiza Ursula: “Me incentivaram a estudar, mas não necessariamente a seguir na área de TI, porque eles não têm muito bem o entendimento do que se trata”. De modo análogo, Sarah compartilhou: “Desde sempre eles me incentivaram a estudar. Eles não definiram que eu tinha que fazer algo específico, me deixaram livre, mas sempre reforçaram o que eu precisava estudar”.

Essas citações comprovam que, ainda que as famílias não dispusessem de conhecimento sobre informática, tampouco impuseram restrições às decisões profissionais das entrevistadas. Assim, ao invés de cobranças ou expectativas direcionadas a determinadas carreiras — como ilustra a fala de Jasmine: “[...] mas, pelo meu pai, estaria estudando Direito, né?” —, prevaleceu um suporte voltado à valorização da educação como um alicerce essencial. Esse estímulo possibilitou que cada entrevistada construísse sua trajetória profissional de acordo com suas próprias inclinações e aspirações, sem imposições externas que limitassem suas escolhas.

Algumas participantes relataram ter enfrentado barreiras relacionadas ao preconceito de gênero no ambiente familiar. Essa questão emergiu em seis ocorrências de código, nas quais foi mencionada a resistência inicial da família à escolha pela área de TI, frequentemente associada a um campo masculino. Um exemplo emblemático pode ser constatado no relato de Jade: “Quando eu cheguei com a ideia, eles ficaram com muito pé atrás, que não sei o que, que eu ia sofrer muito preconceito, coisas assim [...]”. O depoimento retrata o desafio enfrentado por algumas mulheres ao transpor obstruções impostas por estereótipos de gênero, mesmo dentro do núcleo familiar.

Outro exemplo foi dado por uma participante, que expressou: “[...] Principalmente meu pai. A dinâmica muito machista na cabeça dele... Mulher cuida das coisas em casa, já o meu irmão, como ele é homem, pode estudar, trabalhar, e não precisa ter tanta responsabilidade em casa” (PAULINE). A declaração expõe a diferenciação de papéis entre filhos e filhas, em que as expectativas sobre os cuidados domésticos e as responsabilidades familiares eram significativamente diferentes, influenciando a percepção do pai sobre o papel da filha na sociedade e no mercado de trabalho.

4.3 Infância e adolescência

Os resultados apontam que a infância e a adolescência foram fases importantes para a construção do interesse das entrevistadas pela tecnologia e, consequentemente, pela área de TI. O acesso a dispositivos tecnológicos nesta época influenciaram suas experiências e percepções iniciais sobre o universo da computação.

4.3.1 Acesso a tecnologias na infância/adolescência

Os relatos das participantes demonstram que o acesso às formas de tecnologia se deu de maneiras distintas, variando de acordo com fatores como idade, localização geográfica e condições financeiras da família: 10 entrevistadas registraram o acesso a partir da adolescência; 9 comunicaram que o primeiro contato com tecnologia ocorreu desde a infância; e enquanto somente 1 relatou ausência total de acesso à tecnologia tanto na infância quanto na adolescência.

Já as modalidades de acesso também variaram: algumas participantes informaram que, à época, recorriam a *lan-houses* – espaços de ampla circulação na época – como meio para utilizar computadores e a internet. Outras mencionaram que o primeiro contato com tecnologia se deu no âmbito escolar, enquanto muitas participantes também apontaram o primeiro contato com tecnologia mediante jogos eletrônicos como porta de entrada para a exploração digital. Ademais, também houve depoimentos de participantes que, ao se depararem com o ambiente digital, aproveitaram a imersão para desenvolver habilidades mais técnicas, fazendo uso de softwares e ferramentas tecnológicas.

Quando inquiridas sobre como se sentiram ao ter contato com tecnologia pela primeira vez, as respostas evidenciaram, de forma predominante, reações positivas. 12 ocorrências refletiram entusiasmo, com ênfase na empolgação ao se depararem diante do novo e desconhecido, enquanto 9 ocorrências falaram sobre curiosidade, associada a pretensão de compreender o funcionamento da tecnologia. As falas reforçam esse impacto positivo do acesso inicial à tecnologia: “Ah, eu adorei, porque eu sempre fui muito curiosa. E qualquer coisa diferente, assim, pra mim sempre era algo divertido, legal!” (MARIA); “Eu achava muito interessante, né? Sempre fui muito curiosa sobre isso, então sempre quis, aprendi a como mexer, e a vontade foi aumentando com o tempo.” (JASMINE).

4.3.2 Período escolar

No decorrer do período escolar, as participantes vivenciaram experiências diversas no que se refere ao contato com tecnologia e o desenvolvimento de afinidades acadêmicas. Em relação às disciplinas escolares, as preferências e dificuldades com determinados tópicos trouxeram aspectos relevantes sobre o perfil das entrevistadas e, possivelmente, suas tendências futuras em relação à escolha de carreira.

Figura 2 – Dificuldades/falta de interesse ou preferências por disciplinas escolares

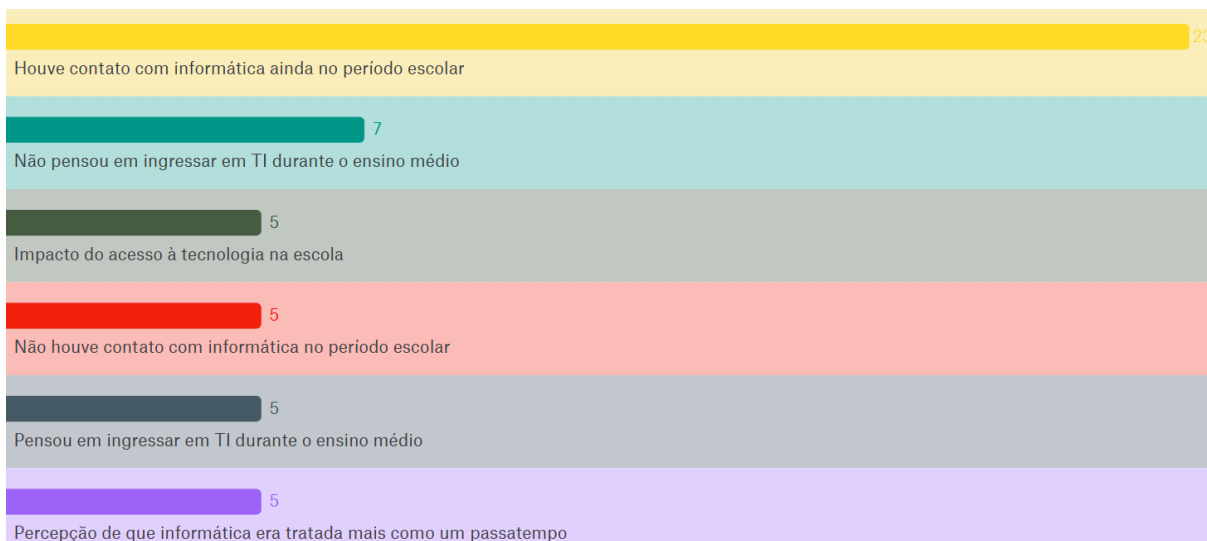


Fonte: elaborado pela autora (2025).

Na análise, a preferência por disciplinas de ciências humanas se mostrou expressiva, com 10 ocorrências mencionando predileção por história e filosofia, o que sugere uma inclinação para a análise crítica e a compreensão do comportamento humano. Adicionalmente, seis participantes destacaram afinidade com disciplinas da área de linguagens, como língua portuguesa, literatura e redação, enquanto três demonstraram maior interesse por conteúdos das ciências da natureza. Quatro menções não manifestaram preferência por áreas específicas, mas enfatizaram a valorização do estudo como meio de crescimento intelectual e desenvolvimento pessoal.

Também foi possível constatar apenas 4 ocorrências que indicaram desinteresse ou dificuldades com disciplinas de exatas. Embora os dados sugiram que uma pequena porcentagem das participantes enfrentou obstáculos quanto a matérias dessa área, o maior número de ocorrências foi registrado em relação à preferência por disciplinas de exatas, em 14 frequências que demonstraram afinidade por matemática, física e outras matérias que envolvem raciocínio lógico e quantitativo. O resultado apresentado é significativo, visto que as áreas de exatas são as mais diretamente associadas às habilidades necessárias para a atuação em campos de computação.

Figura 3 – Informática no período escolar



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Quanto ao contato com informática durante o período escolar, 23 ocorrências relataram ter tido acesso a disciplina ainda no colegial, acentuando que o acesso à tecnologia nas escolas foi uma realidade para o geral, ainda que sob condições diversas. Alguns relatos apontaram que o contato não foi necessariamente visto como uma oportunidade concreta de desenvolvimento profissional, e sim como uma atividade de caráter recreativo. Como ilustra a fala de Rana: “Eu tenho umas memórias muito boas da época dessa fase de informática, mas nada que contribua para a minha profissão”. Da mesma forma, Helena reforçou essa perspectiva ao afirmar: “Tive, mas era muito básico. Acho que era mais uma aula de recreação do que algo realmente substancial [...] não era algo que se trabalhava mesmo na minha escola”.

Apesar do contato, 7 ocorrências destacaram que, ainda no ensino médio, não cogitaram a possibilidade de ingressar no campo da computação. Essa percepção está associada, em alguns casos, à ausência de estímulos que incentivassem o interesse pela área, como pontuado por Joy em um dos trechos: “Eu nunca pensei, nem imaginei em fazer um curso de computação, porque aquilo estava muito inacessível para mim, pela falta de estímulos que eu tinha [...]”. Com base nisso, sugere-se que, para algumas, apesar do contato, a exposição à informática no contexto escolar não foi suficiente para despertar um interesse profissional, sendo frequentemente notada mais como um mero passatempo.

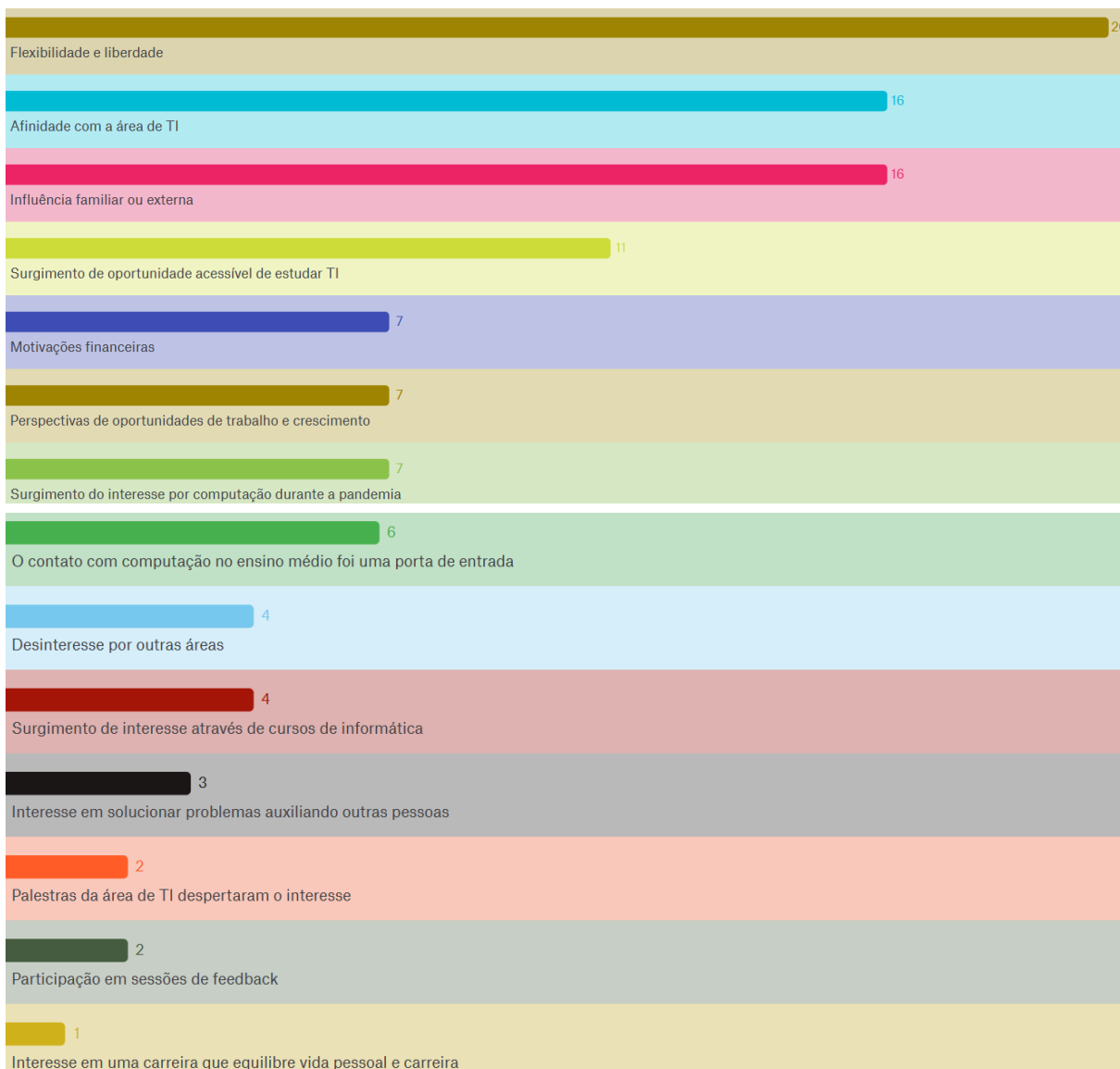
Embora isso, 5 relatos demonstraram que, já no ensino médio, considerou-se seguir carreira em computação, o que demonstra que, embora o contato inicial com a informática tenha ocorrido de forma superficial para muitas, algumas identificaram ali um potencial caminho profissional. Como Katie relata: “Eu acho que eu comecei a pensar quando eu estava no terceiro ano [...] a gente foi numa palestra em uma universidade, que apresentou os cursos de computação [...] e foi aí que foi o primeiro sinal que me despertou interesse”.

Por fim, 5 ocorrências ainda destacaram ter notado, ainda no colegial, o impacto positivo do acesso à tecnologia, reconhecendo a importância desse privilégio em comparação a realidades educacionais menos estruturadas. Como expresso por Amy: "E eu percebi que, por exemplo, na escola pra onde eu fui depois, eles não tinham isso. Então, assim, eu consegui, da maneira mais triste, ver que a minha escola era muito boa [...]".

Figura 4 – Nuvem de palavras sobre fatores de ingresso em TI

Fonte: elaborado pela autora (2025).

Figuras 5 e 6 – Fatores de entrada para a área de computação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A flexibilidade despontou como um fator central, pois 20 ocorrências referiram-se à autonomia e à liberdade geradas pela área de TI, seja pela possibilidade de transitar por diferentes segmentos, seja pela abertura a oportunidades internacionais, ou, ainda, pela autonomia conferida à rotina profissional – aspecto amplificado pela opção de trabalho remoto. Como destacou Rana: “Acho que eu vi as possibilidades de que a nossa área poderia levar... tanto em questão de vida, quanto em questão de independência, né?”. Michelle e Anita expressaram a atração pela flexibilidade do trabalho remoto: “O fato da tecnologia me possibilitar trabalhar em home office, isso me encantou muito” (MICHELLE); “O fato de poder trabalhar home office foi um fato que também me incentivou bastante a começar a estudar” (ANITA).

Dentre os fatores de ingresso mencionados, a afinidade com tecnologia foi reproduzida em 16 ocorrências como um fator decisivo. Essa percepção foi mencionada por Sue da seguinte forma: “Eu ainda estava pensando no que é que eu me encaixaria no mundo, o que eu gostaria de fato de fazer (...) e quando eu me vi ali na tecnologia estudando, eu disse 'é isso' [...]”. Assim como a influência da instância familiar ou do círculo social também foi citada como mais um motivo para o ingresso 16 vezes. Essa influência se manifestou de diversos modos: seja por meio de incentivos de familiares, seja pela presença de colegas que já haviam ingressado no campo, ou ainda pelo contato com profissionais da área, cujas experiências despertaram o interesse das participantes. Como Helena compartilhou: “A partir do momento que eu via muito meu irmão trabalhando na área, eu acabei começando a ter essa curiosidade”. Sofie, por sua vez, relatou: “Eu tenho uma amiga que já era da área de tecnologia [...] e ela sempre me incentivou a fazer um curso de manutenção de computadores, aí eu fui [...]”.

Outro fator destacado pelas entrevistadas foi a disponibilidade de uma oportunidade acessível para cursar uma formação em tecnologia. Karen, por exemplo, relatou: “Eu acho que foi mais a questão da oportunidade de estudar [...] quando vi a chance de tentar entrar com a minha nota da escola, eu decidi tentar. [...] E quando consegui, fiquei feliz e comecei a me envolver”. Assim como o impacto da pandemia na decisão de seguir a carreira de tecnologia foi relatado, em 7 ocorrências, sendo um interesse muitas vezes impulsionado pela necessidade de adaptação ao ambiente digital e pelo reconhecimento da TI como um setor essencial e promissor.

As possibilidades de crescimento e desenvolvimento no mercado de TI também foram questões de relevância para boa parte das entrevistadas. Das menções, 7 declararam que as perspectivas de oportunidades de trabalho e ascensão profissional influenciaram sua decisão de ingressar na área de TI. Da mesma forma, 7 declarações indicaram que a influência veio através de motivações financeiras, como remunerações atrativas e boas condições de empregabilidade, que pesaram na escolha da profissão. Já outras 6 ocorrências salientaram que a escolha foi realizada com base em aspirações profissionais, voltadas para o desenvolvimento de carreira. Apenas uma participante mencionou que a escolha também foi influenciada pela finalidade de manter um equilíbrio entre a vida familiar e a vida profissional.

Na análise, 6 ocorrências apontaram que o contato com computação no ensino médio serviu como porta de entrada para a escolha do curso superior, pois, conforme tratado anteriormente, algumas participantes mencionaram a possibilidade de ingressar em computação ainda no ensino médio. Em oposição, 4 ocorrências relataram ter optado por TI devido ao desinteresse por outras áreas de atuação.

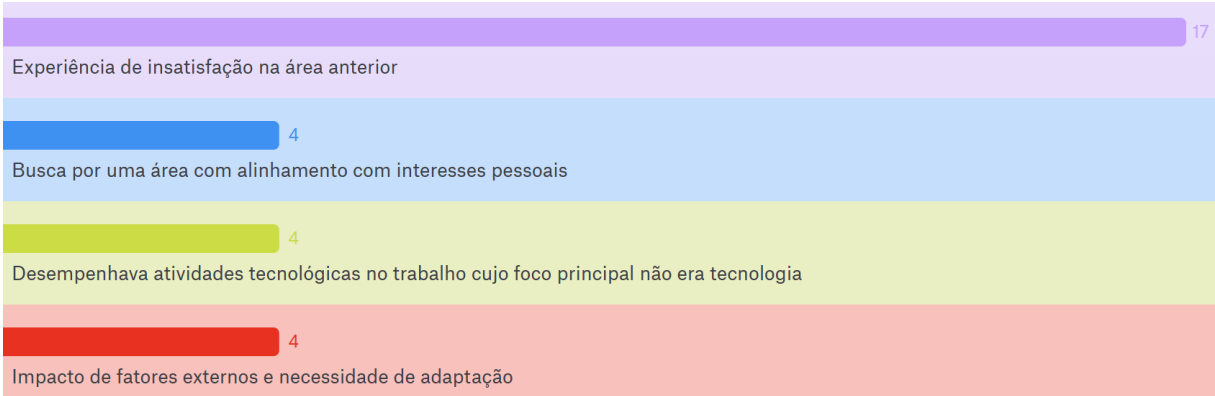
Palestras sobre a área de TI foram mencionadas 2 vezes como fatores de motivação, e outras 2 ocorrências destacaram a participação em sessões de feedback como um estímulo para explorar o setor. Já outros 3 relatos abordaram a disposição de solucionar problemas auxiliando outras pessoas.

4.4.1 Migração de Carreira

A migração de carreira para a área de TI tem se consolidado como um fenômeno cada vez mais frequente, inclusive diante da crescente demanda por profissionais

qualificados no setor. Entre as entrevistadas, 11 participantes relataram estar em processo de transição para TI. Destas, 4 já atuam profissionalmente no setor, enquanto 7 ainda se encontram em processo de adaptação e ainda não ingressaram no mercado de trabalho de TI.

Figura 7 – Razões para a transição de carreira na área de computação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Os depoimentos coletados atestam que a insatisfação com a área anterior foi um dos principais motivadores da migração, sendo mencionada em 17 ocorrências. Causas como a falta de perspectivas de crescimento, desmotivação com as atividades exercidas e condições de trabalho insatisfatórias foram mencionadas como razões que impulsionaram a busca por uma nova carreira. Entre os relatos, foram expressadas afirmações como: “Eu não gostava muito, apesar de ter anos de atuação. Era algo que não me enchia os olhos.” (HELENA); “Eu senti que eu já estava muito desgastada do que eu fazia, eu estava num trabalho muito ruim, numa condição assim bem péssima.” (CHRISTINE); “Eu escolhi por ser algo bem genérico, eu achei que eu ia ter muitas opções, mas na verdade eu me deparei com opções que não eram muito legais financeiramente.” (ANITA).

Além do mais, 4 menções indicaram que pretendiam alcançar uma área que estivesse mais alinhada com seus interesses e ambições pessoais, o que reflete a percepção de que TI poderia proporcionar um trabalho mais estimulante e significativo. Uma das declarações foi feita por Anita, que contou: “Então quando eu comecei a estudar, que eu me interessei pela tecnologia, eu me senti num lugar que eu me identifiquei bem mais do que a minha profissão anterior”.

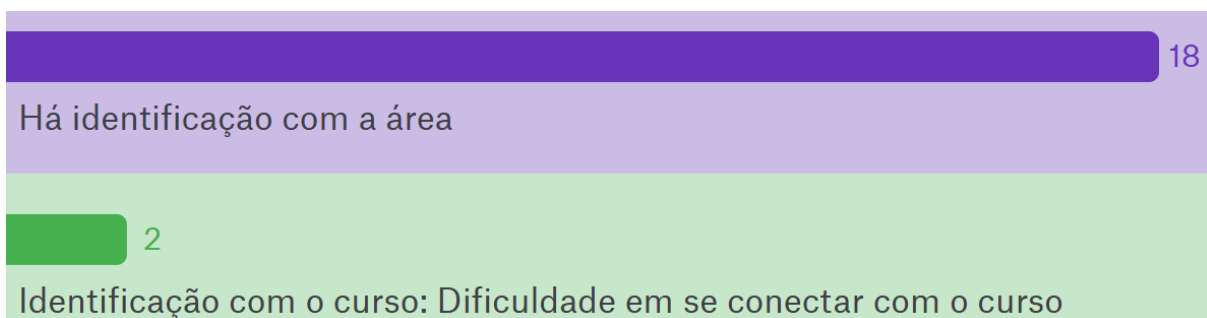
Um outro aspecto expressivo é que 4 ocorrências relataram o contato indireto com tecnologia na ocupação profissional anterior, embora a função de trabalho não fosse diretamente ligada à tecnologia. O contato prévio, mesmo que não formalizado como uma atuação na área, ajudou a despertar o interesse e proporcionou uma base para a transição.

4.5 Graduação

4.5.1 Experiência e conexão com o curso

De forma geral, a maioria das participantes relatou uma experiência positiva durante a graduação, com 13 menções que relataram uma experiência positiva no curso, a exemplo da menção de Karen: “[...] Mas eu gostei, eu gostei muito. Eu vivi muitas experiências boas através do curso”. Além do mais, 13 ocorrências declararam que houve envolvimento em atividades extracurriculares, como participação em monitoria, projetos de pesquisa e estágio durante a graduação, o que contribuiu para uma formação mais completa e para o desenvolvimento de habilidades práticas. Entretanto, 4 ocorrências apontaram para uma experiência com frustrações, nas quais 3 delas afirmam que o sentimento de desapontamento foi em razão da modalidade EAD.

Figura 8 – Identificação com o(a) curso/área de atuação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Em relação à identificação com o curso, apenas 2 menções citaram dificuldades em se conectar com o conteúdo e com a proposta do curso. Contudo, 18 declarações afirmaram que há uma forte identificação com a área de TI, o que pontua a afinidade com o campo e o interesse genuíno em seguir a carreira como fatores de progressão.

4.5.2 Incentivo institucional

As iniciativas institucionais de incentivo também podem ser vistas como fatores impactantes na trajetória acadêmica das entrevistadas. O apoio foi essencial para uma porcentagem considerável das participantes: em 14 menções, foi relatada a percepção ou a constatação de recebimento de algum tipo de incentivo financeiro, como bolsas de pesquisa ou auxílio permanência. O incentivo recebido foi fundamental para viabilizar a permanência no curso, segundo Sarah: “Sim, eu fiz um projeto de extensão e acho que me incentivou a querer estudar mais. E continuar aqui”.

Figura 9 – Apoio e incentivo institucional



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Além do mais, 4 ocorrências declararam ter recebido apoio não financeiro, como a oportunidade de realizar cursos em plataformas de desenvolvimento ou o apoio recebido pelo corpo docente. Apesar da percepção das oportunidades disponíveis por parte da instituição, em contrapartida houve desafios relacionados à compatibilidade entre trabalhos e estudos, como declarado por Joy: “Há oportunidades, mas sempre a gente tem que ver as nossas condições. Eu não tinha aquele tempo disponível para aproveitar tudo isso [...]”.

Por outro lado, 4 ocorrências declararam que não foi nítido algum tipo de incentivo por parte da instituição. 3 ocorrências ainda destacaram que houve incentivo à participação feminina. Entretanto, houve uma entrevistada que citou a falta de eficiência na iniciativa, destacando que, apesar das boas intenções, muitas ações ainda não se traduzem em impacto direto no engajamento feminino.

4.5.3 Dificuldades enfrentadas durante o curso

A necessidade de equilibrar os estudos com outras responsabilidades foi um dos desafios mais mencionados pelas participantes durante as entrevistas, resultando em 11 ocorrências que declararam a dificuldade de administrar as atividades do curso com a vida pessoal e/ou profissional. Como expôs Jennifer: “A gente acaba, se for pegar um estágio ou trabalhar na área, fica muito corrido. Então optei por concluir as disciplinas para poder começar a trabalhar na área, então é difícil se manter”.

Figuras 10 e 11 – Dificuldades enfrentadas durante a graduação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Também sabe-se que o conteúdo técnico da área de TI exige muita dedicação, e 11 relatos declararam dificuldades no aprendizado de disciplinas específicas, como lógica de programação e cálculo matemático. Como uma das entrevistadas expõe: “Às vezes eu me sentia um pouco para baixo. ‘Por que o fulano consegue entender isso e eu não?’” (MICHELLE). Ademais, outras 4 citações mencionaram a falta de direcionamento, o que as levou a sentir insegurança e incerteza durante o curso: “Tinha coisa que eu não sabia nada. Teve gente que já chegou na faculdade que já sabia de alguma coisa, e realmente eu não sabia nada de programação, nada [...]” (KAREN); “Acho que também a base, no ensino médio, na escola pública

principalmente, que é de onde eu vim, a gente não tem muita noção do que se trata, tecnologia não era falada até então.” (URSULA).

A desigualdade de gênero também foi um aspecto desafiador enfrentado na graduação, a qual foi mencionada em 7 relatos, que destacaram a predominância masculina no ambiente, como por exemplo a declaração expressa por Monique “Tem o fato da minha sala, até então, só ter duas meninas, eu e outra menina e o resto ser homem”; assim como a experiência de subestimação das próprias habilidades por parte de colegas masculinos, exposta por Sue: “Infelizmente você tem que se impor pra algumas pessoas. Às vezes até ser um pouco rígida ou ríspida pra conseguir mais respeito”. Além disso, 5 ocorrências ainda declararam sentimento de solidão pela ausência de uma presença feminina significativa, em decorrência da baixa representatividade de mulheres: “Mas eu gostaria de ter uma presença feminina aqui, sabe? Para conversar sobre alguma coisa que está incomodando ou não” (JADE).

Assim como a socialização dentro do curso foi percebida como um fator desafiador, pois 9 ocorrências relataram que encontraram adversidades para se integrar a grupos, seja por diferenças de interesses, dificuldade em realizar *networking*, falta de espaços inclusivos ou dinâmicas sociais que as fazem se sentir deslocadas. Como pode ser visto nos trechos das entrevistas: “E acho que não sei se pela questão de ser mulher, eles acabam, que eu sempre sou a única mulher do grupo, eles acabam me sobrecarregando, esperam que eu faça mais do que o resto do grupo, entende?” (JENNIFER); “Na época que eu pagava engenharia eram as meninas que faziam o relatório da apresentação e os meninos programavam. Me irritava muito porque meio que a gente ficava pra trás em questão de código, porque o que era o designado na hora.” (AMY).

Uma dos fatores críticos também ocorridos, citados em duas menções durante as entrevistas, também foi a dificuldade de adaptação ao ambiente de TI, pois devido ao ambiente estimular mais a própria individualidade e autonomia, sentiu-se que a cultura não favorecia a permanência e desenvolvimento no curso. Assim como a pressão acadêmica, aliada a fatores como dificuldades no aprendizado e desafios de socialização, também teve impacto na trajetória de algumas entrevistadas, com 4 relatos mencionando a sobrecarga emocional e cognitiva.

O acesso a recursos e infraestrutura também foi um obstáculo para algumas estudantes. 4 relatos mencionaram desafios estruturais, como a falta de opção de turnos alternados e desafios com o transporte público. Além disso, 9 menções ainda citaram que morar distante do campus dificultava sua rotina acadêmica, aumentando o tempo e os custos de deslocamento. Questões financeiras, embora menos recorrentes, também surgiram nos relatos: 1 entrevistada destacou dificuldades econômicas que afetaram sua experiência no curso.

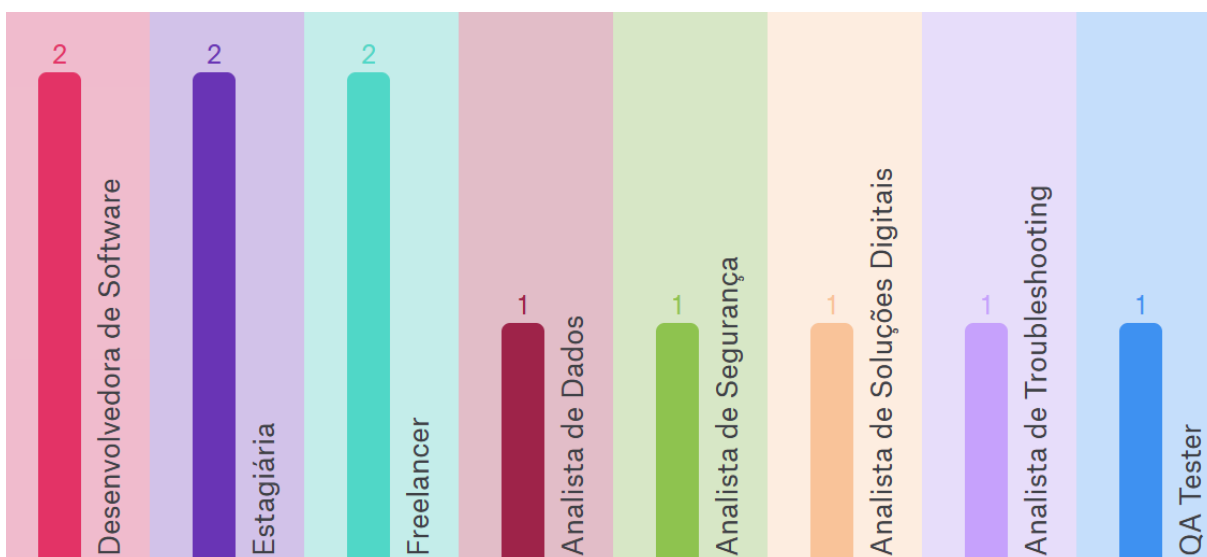
O alinhamento entre as expectativas das estudantes e o conteúdo oferecido pela graduação foi um fator relevante para algumas entrevistadas. 3 participantes expressaram insatisfação com o curso, mencionando que esperavam uma abordagem mais prática e atualizada. Além disso, 2 entrevistadas relataram dificuldades para ingressar no mercado de trabalho durante a graduação, destacando a falta de oportunidades para estudantes sem experiência prévia.

4.6 Carreira profissional

A trajetória profissional das entrevistadas revela diferentes estágios de inserção na área de Tecnologia da Informação (TI), abrangendo aquelas que já atuam no setor, as que estão em processo de transição de carreira e as que ainda buscam uma oportunidade na área. Dentre as participantes, 3 atuam na área há mais tempo e já fizeram a transição de carreira, 7 não atuam e estão em transição, 1 atua e fez a transição muito recentemente, 6 atuam na área de TI, considerada sua primeira área profissional, e 3 não atuam na área, sem ter passado por transição.

Em relação àquelas que atuam na área, a experiência profissional varia em relação às funções desempenhadas. Os cargos ocupados são diversos, o que demonstra a possibilidade de traçar várias trajetórias na computação. A diversidade de cargos sugere que as mulheres que conseguiram ingressar no mercado de trabalho de TI atuam em diferentes frentes, tanto em desenvolvimento de software quanto em áreas relacionadas à segurança da informação, análise de dados e qualidade de software.

Figura 12 – Ocupação profissional na área de TI



Fonte: elaborado pela autora (2025).

4.6.1 Processos seletivos

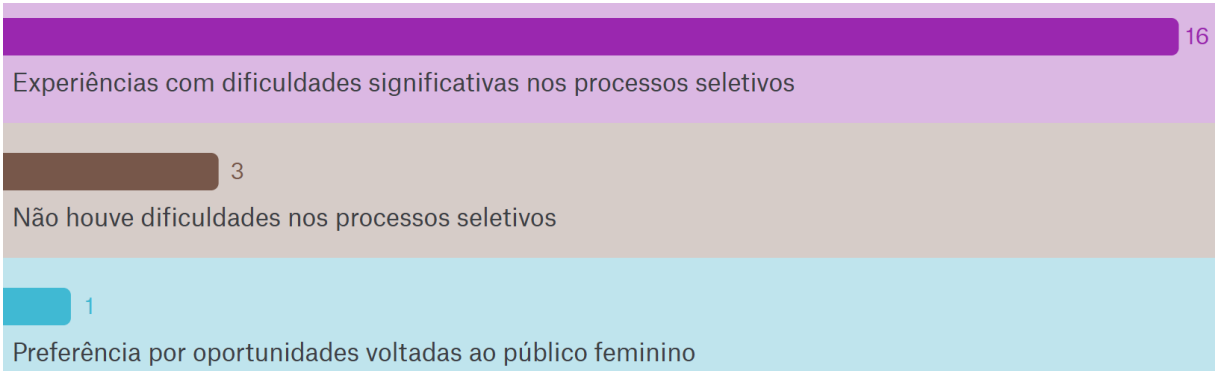
De acordo com as entrevistadas, a busca por oportunidades na área de TI é permeada por desafios consideráveis. No processo de ingresso no mercado de trabalho, 16 ocorrências relataram que houve dificuldades enfrentadas nos processos seletivos, com menção às exigências técnicas elevadas, empecilhos relacionados à experiência prévia e falta de retorno nos processos seletivos.

Entre os relatos, Joy declarou que "Uma mulher, depois dos 40, que quer fazer a transição de carreira, deve ter alguma dificuldade nesse caminho", o que sugere que a transição para a área de TI pode ser particularmente desafiadora para mulheres em fases mais consolidadas da vida profissional. Pauline também relatou: "Eu não

quero ficar por muito tempo, muitos anos procurando uma vaga. Porque eu quero trabalhar e eu preciso fazer isso. Até para quando eu sair de casa, sabe? Então isso é uma coisa que me desestimula um pouco [...]”. Percebe-se as dificuldades não apenas na inserção profissional, mas também a ansiedade relacionada à busca prolongada por uma oportunidade, o que pode afetar o bem-estar e as expectativas das candidatas.

Três menções afirmaram não ter encontrado dificuldades significativas durante os processos seletivos, e 1 participante expressou uma preferência por oportunidades voltadas ao público feminino, evidenciando a relevância de iniciativas de inclusão.

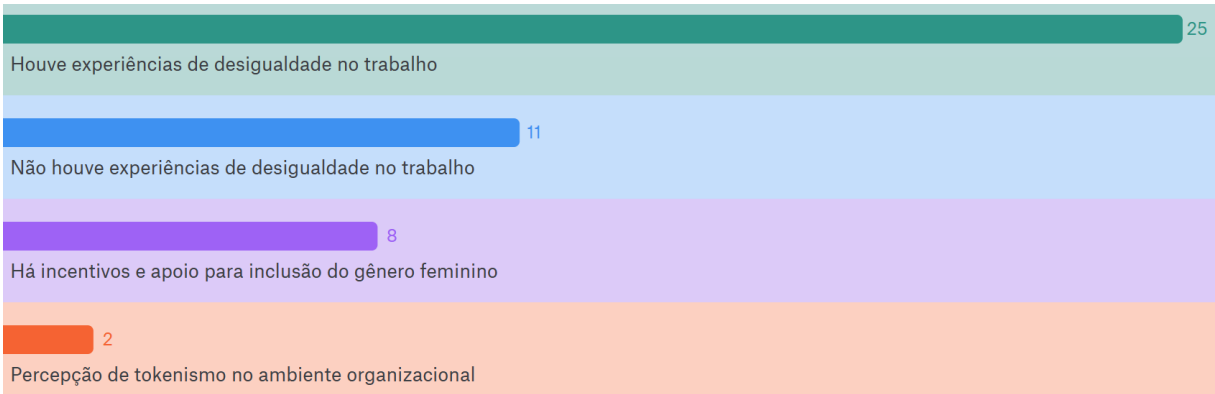
Figura 13 – Experiência em processos seletivos



Fonte: elaborado pela autora (2025).

4.6.2 Ambiente de trabalho e desigualdade de gênero

Figura 14 – Questões de gênero no ambiente de trabalho



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A vivência profissional das mulheres entrevistadas que atuam no setor de TI é marcada por um contraste entre esforços por parte da instituição e as persistentes desigualdades de gênero. O apoio para a inclusão do gênero feminino foi

mentionado em 8 ocorrências, que destacaram a presença de incentivos e iniciativas organizacionais voltadas à diversidade. Sarah, por exemplo, destacou que a empresa onde atua incentiva ativamente a entrada de mulheres na área de tecnologia, mencionando que "mais de 90% das contratações foram de mulheres" no programa em que participou. Amy, por exemplo, mencionou a existência de grupos de apoio dentro da corporação: "Existe um grupo de apoio para pessoas negras, grupo de apoio para mulheres, para as outras pessoas conversarem e desabafarem".

Os esforços em promover a inclusão feminina, embora valiosos, contrastam com as experiências vividas por muitas mulheres no ambiente de trabalho. De fato, 26 ocorrências relataram vivências de desigualdade de gênero, incluindo obstáculos à progressão de carreira, baixa representatividade feminina e episódios de preconceito, refletindo a persistência de barreiras estruturais que dificultam a plena equidade no setor.

Jade relatou uma experiência em que o preconceito de um cliente foi um fator decisivo: "A gente já teve que encerrar um cliente porque ele foi machista assim. Sabe? De que não confiava no trabalho, nas informações, porque eram mulheres que estavam fazendo assim, a gente teve que encerrar". O episódio ilustra como atitudes discriminatórias, inclusive por parte de clientes, continuam a ser um obstáculo significativo. Monique também relatou episódios de desvalorização em interações com clientes: "Já rolaram situações de estar conversando com o cliente e fazer uma pergunta, eu responder, e ele me ignorar e perguntar para outra pessoa, que era principalmente outro homem, e eu ficar escanteada em reuniões." Tais experiências indicam uma segregação das mulheres no ambiente de trabalho, evidenciada pela falta de reconhecimento e respeito em interações profissionais.

Uma participante compartilhou uma experiência mais grave de abuso e assédio, contextualizada em um ambiente de trabalho hostil. A fala revela a gravidade do comportamento abusivo e o impacto negativo que atitudes machistas podem ter não só sobre a saúde emocional das profissionais, mas também sobre o ambiente de trabalho como um todo:

"Aí esse cara começou a ser abusivo comigo, com o meu pai na UTI, e eu deixando bem claro. Meu pai estava hospitalizado, meu pai estava, né? E aí, por mim, chegou um momento em que, sinceramente, eu já pedi as contas [...] Então eu engoli sapos, que eu já falei que não engoliria mais por causa disso, porque estava trabalhando de casa. No trabalho que era tranquilo, se não fosse ele. Só que aí ele abusou demais, sabe? [...] E depois foi descoberto que ele estava sendo dessa maneira não só comigo. O time era de muitas mulheres, né. Ele começou a tratar dessa maneira outras mulheres também, sabe." (PATRICIA)

Em contrapartida, 10 relatos indicaram que as participantes não vivenciaram situações de desigualdade, o que sugere que, embora persistam desafios significativos, em alguns contextos as barreiras podem ser menos impactantes ou até inexistirem. Em alguns casos, o ambiente de trabalho pode, de fato, ser acolhedor e inclusivo. Como exemplifica uma das entrevistadas, que compartilhou sua experiência positiva: "Olha, nesse sentido não, porque eu venho de uma experiência muito ruim, inclusive está sendo uma experiência muito bacana pra mim,

são pessoas bem amáveis" (CHRISTINE). Rana também expressou uma percepção similar ao afirmar: "Nunca me senti destrutada ou alguma coisa do tipo. Realmente não". Enquanto Ursula, ao relatar sua vivência em um grupo predominantemente masculino, observou: "Eu trabalho num grupo que só tem homens e só tem eu de mulher. Então assim, a gente fica um pouco desconfortável, né? Mas eu nunca me senti inferior por causa disso, entende? Só um pouco desconfortável por ser a única mulher daquele grupo ali". Esses depoimentos indicam que, em alguns ambientes, embora as mulheres possam ser minoria ou enfrentar momentos de desconforto, não há a percepção de desvalorização ou discriminação explícita, o que pode sugerir uma cultura organizacional mais inclusiva e respeitosa.

Além disso, 2 menções trataram a percepção de tokenismo (prática de realizar apenas um esforço superficial ou simbólico para ser inclusivo para membros de minorias) nas organizações, indicando que algumas iniciativas de diversidade podem ser implementadas de maneira superficial, sem gerarem transformações reais na cultura organizacional ou no avanço profissional das mulheres na área de TI.

4.7 Percepções sobre a área

Sobre a participação feminina na área, embora duas citações mencionam nunca ter sofrido preconceito direto, ambas reconhecem os desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto. A percepção da baixa representatividade feminina é amplamente compartilhada, com 28 menções, refletindo uma constatação comum de que as mulheres ainda estão significativamente em minoria no setor. Como relatou Ursula: "Eu acho que a diferença gritante já começa na sala de aula. Sempre tem muito mais homens do que mulheres. No trabalho também, sempre tem muito mais homens do que mulheres". Essa percepção é reforçada por Jennifer, que destacou o choque ao ingressar na área: "Eu acho que quando eu entrei, eu pensei, por a gente estar em 2023, não é possível que ainda esteja do mesmo jeito. Quando eu entrei eu tive um choque que ainda era a mesma coisa, poucas mulheres".

A percepção sobre a inclusão feminina também figura com relevância, com 7 ocorrências destacando os desafios específicos de gênero no campo, indicando que, apesar de avanços, ainda há barreiras a serem superadas. Algumas participantes também observam iniciativas que visam aumentar a visibilidade das mulheres no setor, com oito relatos reconhecendo esforços organizacionais e sociais. No entanto, a percepção de que a presença feminina tem aumentado, embora ainda seja desproporcional, foi mencionada 4 vezes, demonstrando uma visão progressista, mas cautelosa quanto à equidade de gênero na área.

Ademais, 6 menções indicaram que a área de TI é vista como um campo que oferece diversas opções de trajetória, evidenciando a flexibilidade nas possibilidades de atuação. No entanto, a predominância masculina na área surgiu em 13 menções, que declararam que, embora existam oportunidades na área de TI, ainda é um setor prevalentemente dominado por homens, como compartilhou Sarah: "No meu ambiente de trabalho, mesmo tendo entrado bastante mulheres, eu ainda vejo que a maioria são homens". Outra percepção, destacada em 4 ocorrências, cita que as contratações e promoções na área de TI frequentemente dependem de redes de contato, predominantemente masculinas.

Outro aspecto que pode-se mencionar é a percepção de como os estereótipos de gênero moldam as dinâmicas profissionais. Três ocorrências relataram que os estereótipos femininos podem influenciar as interações no contexto em que as mulheres estão inseridas, impactando diretamente a forma como elas são percebidas e tratadas.

4.8 Fatores de desistência do(a) curso/área

Quando perguntadas sobre se já pensaram em desistir e deixar a área de computação, diversas entrevistadas mencionaram tanto fatores internos quanto externos, que poderiam influenciar esse processo.

Figura 15 – Fatores de desistência



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Um total de 12 menções mencionaram que a intenção de desistir do curso ou da área esteve atrelada a fatores externos, isto é, circunstâncias que não dependiam exclusivamente da própria motivação pessoal. Entre as entrevistas, uma das principais incertezas foi quanto às oportunidades de emprego e a sensação de frustração em relação à busca por uma colocação no mercado. Sofie compartilhou: "E também eu fiquei com medo, ainda tenho esse medo, de me sentir frustrada novamente como eu me sentia antes. E não conseguir um emprego depois de terminar a faculdade, não conseguir um estágio [...]". Uma outra participante relatou dificuldades relacionadas à distância, o que a levou a questionar a continuidade, como ela relata: "Eu acho até algum momento que eu considere o curso, porque a faculdade é muito longe." (KATIE). Outro elemento que se destacou foi o ambiente de incerteza vivido durante os períodos de demissões em massa. Amy compartilhou: "Na época dos *layoffs* eu fiquei 'não tem pra que ficar numa área dessa, vão demitir todo mundo, acabou. Se tomarem o meu emprego, eu poderia trabalhar em outra coisa [...]".

Quanto aos fatores internos, 10 ocorrências indicaram a possibilidade de abandonar o curso ou a área. Os principais elementos mencionados foram a desmotivação, a insegurança quanto às próprias habilidades, a sensação de não pertencimento e a percepção de que a área exige um nível de conhecimento técnico muito elevado, tornando o aprendizado desafiador. Ursula expressou essa dificuldade ao afirmar: "Porque eu não me sentia capaz de continuar ali, eu via que

O aspecto mais mencionado pelas entrevistadas foi a afinidade com a área de tecnologia, citado em 24 ocorrências. Muitas relataram que, apesar das dificuldades, sentem um forte interesse pelo campo da computação e da inovação tecnológica, o que as motiva a continuar. Essa afinidade, muitas vezes desenvolvida desde a infância ou reforçada durante a graduação, funciona como um elemento de resistência diante dos desafios enfrentados. Jasmine ilustra essa relação ao afirmar: "A tecnologia, eu posso dizer, é um mundo. Então são coisas que têm muito mais a ver comigo do que qualquer outra área". Para algumas participantes, o dinamismo e a constante necessidade de atualização na tecnologia também são fatores que impulsionam o crescimento pessoal e profissional. Anita destacou essa característica: "É uma área que me impulsiona a melhorar sempre, porque o teu conhecimento, até onde você vai chegar, depende realmente do teu trabalho, do que você está fazendo, do quanto você está se empenhando. Então é uma área que me torna melhor, me tira da zona de conforto o tempo todo". Outra visão foi exposta por Pauline: "É uma área que eu me encontro muito, que eu me encaixo bastante, e que eu gosto. Pra mim, não é chato passar horas ali estudando, resolvendo um problema".

Figuras 17 e 18 – Fatores de permanência



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Outro ponto amplamente enfatizado foi a flexibilidade e a autonomia provida pela área de TI, com 15 menções no total. As possibilidades de trabalhar remotamente,

definir horários mais maleáveis e atuar em diferentes setores são vistas como vantagens que tornam a tecnologia uma opção atrativa para a construção de uma carreira: “Eu ouvia falar sobre nômades digitais, mas era muito fora da minha realidade. E hoje eu posso dizer que, se eu quiser ir lá, falar que vou viajar e vou conhecer outras coisas, eu consigo fazer, porque eu trabalho remoto” (PATRICIA).

Remunerações atrativas e outros benefícios financeiros também surgem como fator relevante para a permanência no setor, com 13 ocorrências. Muitas participantes destacaram que os altos salários e a possibilidade de melhoria de vida são fortes incentivos para continuar na área, mesmo diante dos desafios enfrentados: “Eu sempre gostei de estudar, mas eu nunca fui valorizada. Valorização é algo importante. Mas a remuneração para mim é mais importante ainda. As pessoas não vão me reconhecer, mas elas têm que me pagar bem por isso” (PATRICIA). Em outras palavras, Karen também mencionou: “Eu acho que é uma coisa que pode possibilitar uma vida melhor, né? Uma vida melhor pra mim, pro meu filho, pra minha casa”. Os relatos reforçam que a área de TI é percebida como um caminho promissor para alcançar estabilidade financeira e ascensão social, elementos essenciais para a decisão de permanecer na profissão.

Em relatos menos frequentes, o suporte de familiares e colegas também foi mencionado em duas citações como um fator determinante para a permanência, uma vez que o apoio emocional pode contribuir para aumentar a confiança na trajetória profissional. Em outra circunstância, outra entrevistada ainda destacou que permanece na área devido à falta de alternativas de interesse em outras profissões. 2 relatos mencionaram o tempo de dedicação aos estudos, já que após investir anos na formação e especialização na área, consideram que desistir significaria abrir mão de um esforço significativo.

E, embora também tenha sido citado em apenas uma ocorrência, a missão de impactar a vida de pessoas através da tecnologia também se mostrou um fator relevante: a possibilidade de desenvolver soluções inovadoras que possam melhorar a sociedade e facilitar a vida das pessoas é um elemento motivador para continuar na área.

4.9.1 Estímulos à permanência

Para além das questões individuais que instigam a permanência de mulheres na área de TI, as entrevistadas também destacaram elementos externos que desempenham um papel significativo na sustentação de suas trajetórias profissionais. Tais estímulos emergem como mecanismos essenciais para mitigar desafios estruturais e fomentar um ambiente mais equitativo e inclusivo.

Figura 19 – Estímulos à permanência



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Dentre os estímulos citados, foi citada a importância de iniciativas institucionais que viabilizem a permanência feminina na área, sobretudo aquelas relacionadas a incentivos financeiros, como bolsas de estudo, programas de mentorias e políticas de retenção de talentos, que foi perceptível em 3 ocorrências.

A existência de programas voltados especificamente para a inserção e ascensão de mulheres no setor tecnológico foi apontada como um fator de incentivo para a continuidade na área, em 7 frequências. Apesar dos avanços na área, as barreiras de entrada ainda persistem, tornando fundamental a implementação de políticas afirmativas que ampliem o acesso e promovam um cenário mais equitativo para profissionais do gênero feminino. Como destacou Karen: “Eu acho que quanto mais programas que incentivem meninas, que incentivem mulheres a entrar na tecnologia, é tudo muito válido”. Assim como Patricia ressaltou o impacto positivo das comunidades formadas por mulheres na área: “O que me deu muito suporte foram os programas de mulheres, que criaram ali uma comunidade. Eu pude absorver muito dessas comunidades, que me ajudaram muito”.

Foi evidenciada em 2 ocorrências a necessidade de um compromisso mais efetivo das organizações na promoção de um ambiente de trabalho mais acessível e igualitário, a fim de assegurar maior representatividade feminina na área.

E, ainda, o fator mais mencionado (11 ocorrências) como impulsionador de permanência foi a presença de redes de apoio e referências femininas no setor. A troca de experiências e a construção de comunidades de suporte são aspectos que favorecem a sensação de pertencimento e motivação. Uma das participantes exemplificou esse impacto ao relatar a criação de um grupo exclusivo para mulheres em sua faculdade:

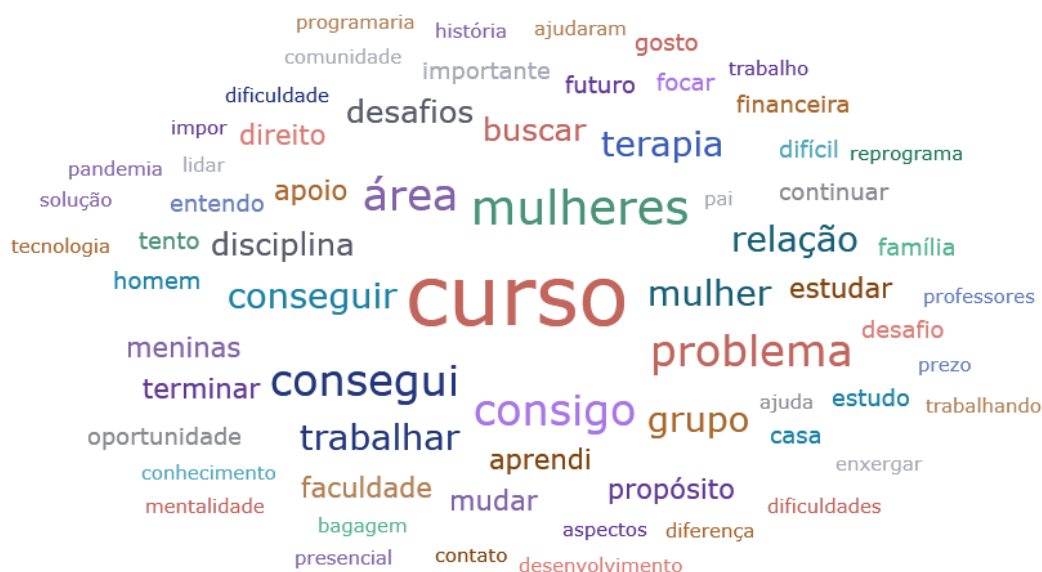
“Uma coisa que pelo menos tem me ajudado, pelo menos na minha faculdade, é que foi criado um grupo apenas de mulheres [...], organizado por uma professora e composto sempre por mulheres. Ainda fazemos palestras, visitas a empresas.

Então é algo que tem ajudado, sabe? Uma rede de suporte durante a faculdade.” (MONIQUE).

Já Michelle destacou como uma rede mais estruturada poderia ter reduzido os desafios enfrentados durante sua trajetória acadêmica e profissional: “Se tivesse uma presença maior de mulheres e uma rede de apoio maior e melhor, provavelmente eu não passaria por tantas dificuldades como passei”. A importância dessas redes também se estende ao contexto profissional. Patricia ressaltou que, para mulheres – especialmente mulheres negras –, o suporte nem sempre vem do ambiente corporativo, tornando-se essencial buscar comunidades externas: “A gente sempre vai precisar de um ponto de apoio. E esse ponto de apoio, às vezes, não vai ser dentro da empresa. Vai ser num lugar fora, onde vai te alimentar e te abastecer para conseguir levar as coisas do dia a dia [...]”. Com isso, pode-se notar que a criação e fortalecimento de espaços de acolhimento e troca entre mulheres são capazes de aumentar a retenção e o sucesso feminino na área de tecnologia.

4.10 Fatores de sucesso

Figura 20 – Nuvem de palavras sobre fatores de sucesso em TI



Fonte: elaborado pela autora (2025).

Durante a análise dos fatores que contribuem para o êxito das mulheres na área de computação, constatou-se comportamentos e estratégias adotadas para superar os desafios enfrentados ao longo da sua trajetória. Foi possível identificar a persistência das participantes perante adversidades de gênero e de aprendizado, como também evidenciou-se a busca contínua por crescimento pessoal e profissional.

Figuras 21 e 22 – Meios de superação



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A busca pela autoconfiança nas próprias capacidades e a resiliência diante das dificuldades foram frequentemente destacadas pelas entrevistadas como meios de superação. 15 menções declararam que, ao enfrentarem desafios significativos, seja no ambiente acadêmico, no ingresso no mercado de trabalho, ou em relação às dificuldades de gênero, a capacidade de se manterem confiantes em suas habilidades e perseverantes diante das adversidades foi essencial para se manterem na área. Além do mais, a resistência aos obstáculos foi fortalecida pelo reconhecimento de que esses desafios eram temporários, e que a superação poderia trazer benefícios a longo prazo. Como menciona uma das Entrevistadas no trecho: “Eu tô começando a pegar um pouco mais leve comigo, entender que algumas coisas são mais complexas que meu tempo de aprendizado, e que isso pode ser diferente do de outra pessoa. E tá tudo bem, sabe?” (MICHELLE).

As dificuldades relacionadas ao gênero também foram uma constante nas entrevistas, resultando em 11 ocorrências. A persistência perante barreiras impostas pela desigualdade de gênero foi apontada como um meio de superação. Sarah relatou que, por conta dos entraves impostos, foi necessário demonstrar sua competência e habilidades em um campo amplamente dominado por homens: “Eu acho que a única solução é estudar, porque a gente nunca vai se sentir confiante suficiente para competir com o homem. A única maneira que a gente pode fazer é estudando e tentar chegar no nível”.

O foco incessante por aprendizado e a dedicação ao desenvolvimento profissional também foram citadas como motivos para a continuidade na área, em 5

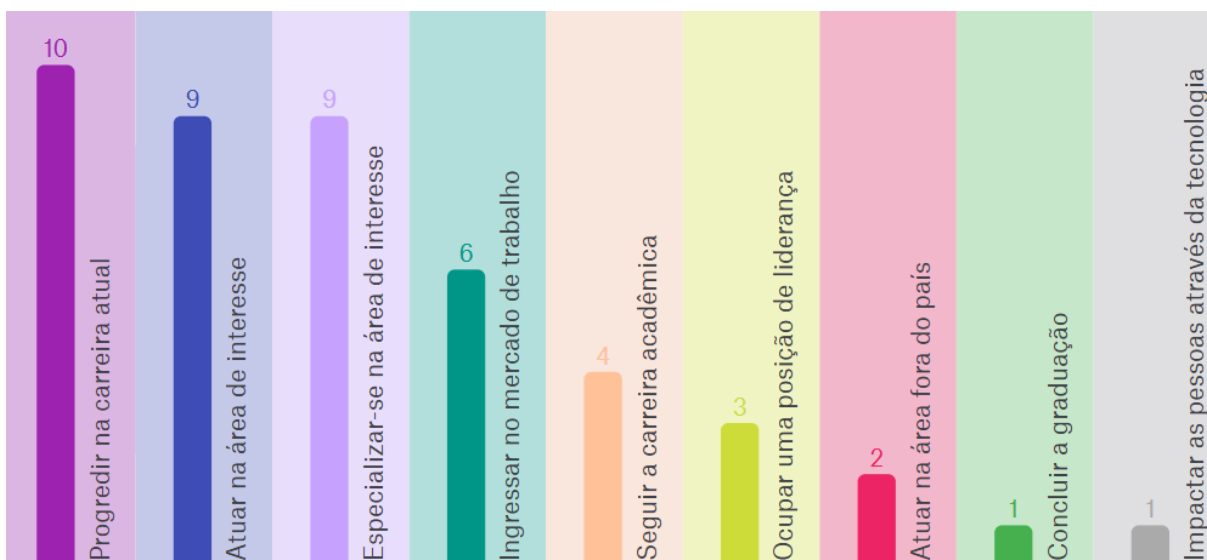
ocorrências. Assim como as redes de apoio, tanto institucionais quanto informais, surgiram como um fator de grande importância para o sucesso das mulheres na computação. Também foi mencionada 6 vezes a importância das redes de apoio, visto que as conexões com outras mulheres na área, ao fornecer suporte emocional e oportunidades de colaboração, são meios que desempenham um papel de incentivo.

A priorização da saúde mental também foi apontada como um elemento auxiliar para a superação de barreiras, pois, em 6 ocorrências, foi enfatizada a relevância do autocuidado e da utilização da terapia como ferramenta de apoio. Por fim, uma participante ainda destacou a relevância histórica da luta das mulheres por direitos e oportunidades, ressaltando que a possibilidade de estudar e atuar na área de TI representa um avanço significativo em relação a gerações anteriores. Já no contexto acadêmico, 3 menções citaram a adoção de estratégias para lidar com as dificuldades ao longo da formação.

4.11 Planos futuros

Ao serem questionadas sobre suas ambições e planos futuros, a análise das entrevistas constatou os objetivos e projeções profissionais das estudantes entrevistadas na área de TI. As aspirações evidenciam não apenas a determinação em consolidar-se no campo da computação, como também ampliar horizontes, através de diversas oportunidades.

Figura 23 – Metas e planos futuros



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A análise projetou que a meta central para o médio e longo prazo, com 10 ocorrências, é a progressão na carreira atual. Muitas participantes expressaram estar satisfeitas com as posições que ocupam, mas almejam ampliar e ascender profissionalmente, visando cargos de maior responsabilidade. Tanto que a ocupação

de posições de liderança também foi uma meta figurada entre os planos citados, com 3 ocorrências mencionadas.

A atuação na área de interesse também foi outro objetivo frequentemente mencionado nas entrevistas, resultando em 9 ocorrências. Embora boa parte das entrevistadas já atuem na área de TI, a busca por trabalhar em projetos mais alinhados aos seus propósitos pessoais é um objetivo contínuo, que também é uma razão que surgiu em outro fator mencionado. Adicionalmente, o ingresso no mercado de trabalho também foi destacado como plano imediato, objetivo mencionado em 6 ocorrências.

Realizar uma especialização acadêmica no campo de interesse também foi mencionada 9 vezes, sendo uma forma de aprimorar os conhecimentos adquiridos e se expandir no mercado de trabalho. Um número de participantes pretende seguir cursos de pós-graduação, mestrado ou outras formações que complementem suas habilidades técnicas. Também foi expressada a intenção de seguir a carreira acadêmica, a modo de exemplo atuar na docência ou na pesquisa científica, fator mencionado em 4 ocorrências.

Ainda, 2 declarações indicaram a busca por expandir suas experiências profissionais além das fronteiras nacionais, plano intimamente ligado à flexibilização proporcionada pelo setor tecnológico. Por fim, embora menos recorrente, uma das participantes ainda destacou a intenção de impactar a vida das pessoas por meio da tecnologia, transcendendo o poder da inovação tecnológica para utilizar a inovação como um vetor de transformação social.

5 DISCUSSÃO

Pode-se estimar que a existência de um grupo significativo cujos responsáveis possuem apenas a formação educacional até o nível fundamental reforça a ideia de que, para algumas entrevistadas, a escolha por seguir na área de computação pode ter ocorrido sem uma referência familiar direta. O que também intensifica essa concepção é que, apesar da maioria das participantes não ter declarado a existência de um modelo direto da computação dentro do núcleo familiar, o apoio ao desenvolvimento educacional e/ou profissional esteve presente para todas as participantes, sem exceções.

Almeida e Melo-Silva (2021) apontam que a influência parental na carreira profissional pode ocorrer tanto através de ações práticas, como apoio financeiro e diálogos que apoiam a escolha, quanto por questões subjetivas, como apoio emocional e aprovação da decisão dos filhos. Esse aspecto demonstra que, mesmo na ausência de uma referência específica na área de computação, o suporte contínuo ao desenvolvimento profissional é um princípio relevante no processo de escolha. Os autores ainda discutem que a falta de pressão excessiva ou imposição de expectativas facilita a autonomia dos filhos, contribuindo para a construção de suas próprias decisões de carreira. Boa parte das entrevistadas ainda declarou que não enfrentou restrições quanto à escolha pela área, sendo mais valorizado, por parte da família, o incentivo aos estudos de modo geral.

Já o acesso à tecnologia desde cedo, mediado por dispositivos como computadores, videogames e smartphones, fomentou não apenas a curiosidade e o entusiasmo das participantes pela tecnologia, como também estimulou desenvolver

uma mentalidade voltada à resolução de problemas complexos, ser criativa e inovar continuamente, características substanciais para o perfil do profissional de TI. Esse fato reforça a argumentação de Couto (2013), que diz que a cibercultura infantil, ao promover a liberdade e participação, amplifica a criatividade das crianças. A possibilidade de criar e experimentar no mundo digital estimula a imaginação e a inovação, qualidades frequentemente relatadas pelas entrevistadas, que associaram o primeiro contato com a tecnologia a sentimentos de entusiasmo.

Depreende-se uma conexão por interesse por áreas como computação pelo fato de que a maioria das entrevistadas relatou que a matemática foi a disciplina preferida nos ensinos fundamental e médio. O achado corrobora a pesquisa de Vardenski et. al (2021), que discutem que a predileção por matemática é capaz de influenciar a escolha por uma carreira tecnológica devido à sua relevância como base para a tecnologia e ao desenvolvimento de habilidades analíticas. No entanto, vale ressaltar que os mesmos autores ainda afirmam que a decisão final é moldada por uma combinação complexa de fatores pessoais, sociais e profissionais. Embora poucas participantes tenham declarado dificuldades ou desinteresse por disciplinas de exatas, outros fatores podem ter influenciado sua decisão de ingressar na computação.

Ainda no que se refere ao contexto escolar, o contato com a informática, ainda que presente para grande parte das participantes, foi encarado como uma atividade recreativa e não como uma porta de entrada para a carreira tecnológica. Apesar do acesso à tecnologia nas escolas, para algumas o contato não foi suficiente para despertar um interesse profissional pelo domínio da computação. Entretanto, ainda houve exceções, pois um número de participantes cogitou ingressar no campo de TI ainda no ensino médio. Junior et al. (2022) argumentam que, quando adequadamente implementado, o uso de ferramentas tecnológicas no ambiente educacional tem o poder de expor aos alunos o potencial da tecnologia, incentivando-os a explorar esse campo de conhecimento em suas trajetórias profissionais futuras.

Quando as entrevistadas foram questionadas sobre os determinantes que influenciaram na decisão por ingressar no campo de TI, os relatos indicam que a escolha pela área não seguiu um padrão uniforme; pelo contrário, a afinidade com tecnologia e a busca por flexibilidade se sobressaíram como principais impulsionadores, enquanto o apoio do círculo familiar/social e as boas condições do mercado de trabalho de TI também atuaram como agentes no processo. Tais evidências reforçam a complexidade do processo de escolha profissional, conforme descrito por Aguiar (2006), que descreve que a decisão não é linear, visto que a escolha profissional trata-se de um processo complexo, determinado por fatores sociais, históricos, subjetivos e emocionais, não sendo uma decisão meramente individual. Dias (2016) ainda deduz que a escolha das mulheres por setores tecnológicos é motivada não somente pela busca por melhores salários e condições de vida, como também pela afinidade com as ciências exatas, o fascínio pela tecnologia e o anseio por criar soluções inovadoras.

Acrescenta-se que a flexibilidade mencionada pelas entrevistadas está associada à busca por maior autonomia e liberdade, aspectos que, no contexto das tecnologias da informação, podem estar relacionados a modalidades de trabalho mais flexíveis, como *home office*, horários e localização geográfica adaptáveis.

Contudo, apenas uma entrevistada mencionou especificamente a busca por uma carreira que ofereça um equilíbrio entre vida profissional e pessoal. Os resultados contrastam com os dados de uma pesquisa global, na qual 63% das mulheres afirmam que o sucesso profissional é, para elas, definido pelo equilíbrio ideal entre trabalho e vida pessoal (LINKEDIN, 2013). Esse descompasso pode indicar uma transformação nas expectativas e prioridades das mulheres em relação ao mercado de trabalho, sinalizando uma possível mudança nos estereótipos tradicionalmente atribuídos ao papel feminino, frequentemente associado ao ambiente doméstico.

Entre as participantes que já realizaram a transição de carreira ou ainda se encontram neste processo, foi destacado que a migração foi impulsionada por fatores que vão desde o descontentamento com a área anterior até a busca por uma ocupação que se alinhasse melhor com seus interesses e ambições pessoais. Rizzatti et al. (2018) expõem que esse processo é, com frequência, motivado por fatores como: a busca por uma profissão que esteja mais alinhada com as ambições pessoais; o descontentamento com a área de atuação, especialmente quando a carreira não viabiliza a concretização dos objetivos almejados; a insatisfação com a remuneração oferecida; e restrições ao crescimento dentro do mercado de trabalho da profissão.

A predominância masculina nos cursos de TI, associada à subestimação das competências técnicas das mulheres e à escassez de representatividade feminina, como evidenciado pelos relatos, são desafios comuns enfrentados ao decorrer do curso. Ferreira e Bueno (2023) acentuam o desconforto vivenciado pelas mulheres em salas de aula predominantemente masculinas, enquanto Ramos e Araújo (2022) destacam o machismo como uma das razões nas disparidades de tratamento e desincentivos encontrados no espaço acadêmico. Adicionalmente, um outro fator mencionado regularmente foi a dificuldade em conciliar o estudo com demais responsabilidades pessoais, desafio que é recorrente e é associado a sobrecarga e desmotivação (SANTOS; MARCZAK, 2023). Dificuldades com disciplinas técnicas, como lógica de programação e cálculo, também foram apontadas como fatores de desafio, sendo que, segundo Sales et al. (2017), as dificuldades iniciais possuem um impacto crítico, podendo causar desânimo e resultar em futura evasão.

O estudo de Trauth (2002) lança luz sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na área de TI, como a exclusão, os estereótipos negativos acerca das capacidades femininas e a falta de modelos de referência. As limitações impostas podem gerar sentimentos de inadequação e isolamento em campos dominados por homens, desafios que também foram mencionados por muitas das entrevistadas em sua trajetória. Contudo, a persistência e a resiliência são identificadas como fatores fundamentais para a superação dessas adversidades, como exibido em grande parte das ocorrências. Superar estereótipos, preconceitos e outros desafios exige uma persistência que vai além da simples superação das barreiras externas; ela se configura, na verdade, como uma forma de resistência interna contra um sistema que historicamente marginalizou a presença feminina no setor.

Embora algumas participantes tenham relatado a implementação de programas corporativos voltados ao incentivo e à contratação de grupos minoritários, como mulheres, persistem relatos de episódios de discriminação e preconceito de gênero. Essa realidade é compatível com os achados de Franco et al. (2019), que ressaltam que as mulheres na área de TI frequentemente enfrentam situações que sofrem

influência masculina negativa e julgamentos baseados em estereótipos de gênero. Contudo, outras entrevistadas afirmaram não ter experienciado desigualdade de gênero no ambiente de trabalho; longe disso, destacando experiências positivas em espaços organizacionais mais inclusivos e acolhedores. Segundo Silva et al. (2023), a adoção de políticas afirmativas de igualdade de gênero contribui para a criação de uma cultura corporativa em que as mulheres se sentem reconhecidas e, conseqüentemente, mais propensas a permanecer e progredir no setor tecnológico.

Nos relatos, 22 ocorrências mencionaram a possibilidade de desistir do curso ou da área devido a fatores internos e externos. De fato, muitas mulheres no campo de TI lidam com desafios como dificuldades em disciplinas essenciais (como programação e lógica), sobrecarga ao equilibrar trabalho e responsabilidades pessoais e barreiras de gênero. Ademais, a falta de autoconfiança e a privação de oportunidades de estágio e emprego agravam o desânimo e contribuem para a desistência (BEZERRA et al., 2023; SANTOS; MARCZAK, 2023; SANTOS et al., 2022). A síndrome do impostor, frequentemente relatada por mulheres em áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), surgida em alguns relatos, demonstrada como a subestimação das próprias capacidades pode levar ao questionamento da própria permanência na área. Essa questão se torna ainda mais evidente quando há falta de representatividade feminina, dificultando a construção de referências e modelos de inspiração dentro do setor (GUENES et al., 2024).

Entretanto, quando as participantes foram perguntadas sobre o que as motiva a prosseguir na área, os fatores que contribuem para a permanência estão fortemente ligados à afinidade com o campo, o dinamismo da área e os benefícios profissionais e financeiros. Nesse sentido, a afinidade e o interesse em atuar em um ambiente inovador são motivações para a continuidade na carreira (MACHADO, 2020). Além do mais, a identificação com a grade curricular explorada ao longo da graduação, aliada às oportunidades em um mercado atrativo e às perspectivas profissionais e financeiras, reforça a resiliência das profissionais, apesar dos desafios inerentes à área (BEZERRA et al., 2023). Já, de acordo com Freitas (2019), o envolvimento em projetos de pesquisa é propenso a contribuir para a permanência de estudantes mulheres, pois a participação nessas atividades pode ajudar a aluna a se identificar com alguma temática e a se sentir com um maior senso de pertencimento. Evidencia-se que a permanência no setor está intrinsecamente conectada à realização pessoal, à aptidão para o campo, ao desenvolvimento contínuo, à flexibilidade e aos benefícios encontrados no campo tecnológico.

Estímulos institucionais, como bolsas de iniciação científica revelaram-se essenciais para a permanência de boa parte das entrevistadas na área de tecnologia. Conforme Tomaz (2019), o envolvimento em projetos de pesquisa é propenso a contribuir para a permanência de estudantes mulheres, pois a participação nessas atividades pode ajudar a aluna a se identificar com alguma temática e a se sentir com um maior senso de pertencimento. A criação de redes de apoio, compostas por mulheres, fator de incentivo também mencionado nas entrevistas, provê suporte tanto emocional quanto profissional, gerando um espaço mais inclusivo. Santos e Marczak (2023) argumentam que tais redes fortalecem a presença do grupo feminino e fomentam a motivação das mulheres em conquistar espaços cada vez mais amplos. Programas de incentivo são estratégias que favorecem a entrada e continuidade das mulheres na STEM, além de elevar a visibilidade feminina no setor (BOFFI; OLIVEIRA-SILVA, 2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como finalidade a identificação dos fatores que influenciam o ingresso, a permanência e o êxito das mulheres na área da computação, a partir das análises de experiências narradas por estudantes que atuam no campo. Os resultados das análises das entrevistas evidenciaram que o percurso profissional é afetado por desafios estruturais e individuais, perpassados por questões de gêneros e suporte social. Vários aspectos foram constatados, inclusive aqueles que contribuem para a permanência e o sucesso das mulheres na área, além do destaque dos desafios enfrentados em um setor majoritariamente masculino. Mais do que mapear desafios e oportunidades, esta pesquisa lança luz sobre a força e a resiliência de mulheres, que desafiam normas e reconfiguram espaços, provando que pertencem – e fazem a diferença – no setor tecnológico.

Em se tratando dos aspectos determinantes para o ingresso, revelou-se que, embora a maioria dos ingressos se deem por interesse pessoal e afinidade com a área de tecnologia, existe também uma busca por maior estabilidade financeira e flexibilidade profissional. Já no que se refere à graduação, as adversidades encontradas durante a formação acadêmica, principalmente no que tange ao ambiente de gênero e à conciliação de responsabilidades, também foram mencionadas como grandes desafios na trajetória. Contudo, quase todas as participantes declararam a identificação com o curso escolhido e o sentimento de pertencimento à área de tecnologia, muitas vezes reforçada pela afinidade com o campo e pelo dinamismo da profissão, sendo também razões primordiais para a permanência na área.

Embora também tenha sido necessário lidar com vários desafios durante a graduação, no ambiente de trabalho, além da unânime percepção de que o setor é predominantemente masculino e a representatividade feminina ainda é baixa, no que se trata dos aspectos que contribuem para a permanência feminina, infere-se que o incentivo institucional e a existência de redes de apoio predominam como influenciadores externos para a progressão das mulheres na área de TI. Como agentes internos, a conexão com a área e a busca por maior autonomia e flexibilidade, melhores condições de vida e ganho material também foram citados como fatores subjetivos. Se, por um lado, o ambiente acadêmico e profissional apresenta desafios significativos, por outro, as estratégias de suporte e incentivo demonstram ser grandes ferramentas para transformar essa realidade.

Os achados da pesquisa reforçam a urgência de repensar políticas institucionais, programas de inclusão e iniciativas empresariais que não apenas facilitem o ingresso das mulheres na computação, mas assegurem que elas permaneçam e ascendam. Além do mais, o estudo desafia o paradigma de que a baixa representatividade feminina é um problema sem solução. Ainda que tenha sido observado uma alta percepção da baixa representatividade feminina no campo tecnológico, os relatos também evidenciaram que existem estratégias concretas para transformar o cenário: visibilidade, mentoria, patrocínio e redes de apoio são instrumentos decisivos para a equidade de gênero na tecnologia.

Como sugestões para trabalhos futuros, idealiza-se a expansão da pesquisa para incluir a perspectiva de mulheres de outros públicos, como egressas dos cursos de computação, a fim de compreender as razões que influenciam a continuidade na área. Além disso, pode-se considerar uma análise com mulheres com mais tempo

de carreira na tecnologia, a fim de identificar os elementos-chave que contribuíram para a criação de modelos femininos de sucesso.

Em suma, os objetivos do estudo foram integralmente alcançados, visto que foi observado um panorama detalhado sobre a realidade de uma população de estudantes na área de computação. Os resultados podem ser aplicados de forma prática, especialmente na formulação de políticas e ações voltadas à propagação da igualdade de gênero na tecnologia, pois a presença de redes de apoio e a valorização do grupo feminino são elementos para garantir que as mulheres não apenas ingressem na área, como também permaneçam e prosperem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos ao Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) pela oportunidade de cursar Análise e Desenvolvimento de Sistemas, à minha família, em especial à minha mãe, meu pai e meu marido, pelo apoio constante nos meus estudos, à professora Viviane Aureliano, minha orientadora, pela orientação e dedicação durante todo o processo, e, também, às mulheres que contribuíram para este trabalho, compartilhando suas experiências e tornando este estudo possível. Que haja cada vez mais mulheres na computação, para um futuro mais inclusivo e diversificado.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Participação de mulheres na tecnologia aumenta 60%, aponta Caged. Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2022-04/participacao-de-mulheres-na-tecnologia-aumenta-60-aponta-caged>. Acesso em: 18 jun. 2024.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 23, p. 11-25, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jan. 2025.

ALMEIDA, F. H. DE .; MELO-SILVA, L. L.. Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. *Psico-USF*, v. 16, n. 1, p. 75–85, jan. 2011.

ATLAS.ti. ATLAS.ti Web: software de análise qualitativa de dados. Disponível em: <https://atlasti.com/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

AVELINO, Meirylane Rosa Emidio; SALGADO, Luciana Cardoso de Castro; MOCJETTI, Karina; BRAVO, Raquel; LEITÃO, Carla Faria. Factors Affecting Female Students Motivation Related to Enrollment and Retention in Information Technology Courses. *CLEI Electronic Journal*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1-11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.19153/cleiej.22.2.8>.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 94.

BARROS, S. C. DA V.; MOURÃO, L.. PANORAMA DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR, NO MERCADO DE TRABALHO E NA SOCIEDADE. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, p. e174090, 2018.

BBC News Brasil. "Na década de 1970, mulheres eram maioria na computação; hoje são minoria." Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592581>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BOFFI, Letícia Carolina; OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina. Enfrentando as estatísticas: estratégias para permanência de mulheres em STEM. *Gerais – Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 14, n. spe, p. 1-27, dez. 2021. DOI: 10.36298/gerais202114e16922. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-8220202100030003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 jan. 2025.

BEZERRA, Carla Ilane Moreira; MACEDO, Maria Alice de Souza; LOPES, Kassia Cristina de Sousa. Fatores e dificuldades que influenciam na entrada e permanência das mulheres na área de TI. *UFC*, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230896>.

BRUSCHINI, M. C. A.. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537–572, set. 2007.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

CASTRO, E. de; OLIVEIRA, U. T. V. de. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. *Entretextos*, v. 22, n. 3, p. 25–45, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5433/1519-5392.2022v22n3p25-45>.

CHIES, P. V.. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, n. 2, p. 507–528, maio 2010.

COUTO, Edvaldo Souza. A infância e o brincar na cultura digital. *Perspectiva*, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 897–916, 2013. DOI: 10.5007/2175-795X.2013v31n3p897. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n3p897>. Acesso em: 23 jan. 2025

DIAS, Sara de Lima. A escolha feminina na área das profissões tecnológicas: impactos na subjetividade. 2016. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

EAGLY, Alice H.; WOOD, Wendy. The Nature–Nurture Debates: 25 Years of Challenges in Understanding the Psychology of Gender. *Perspectives on Psychological Science*, v. 8, n. 3, p. 340-357, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1745691613484767>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FORBES. As mulheres mais notáveis da tecnologia. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2018/11/as-mulheres-mais-notaveis-da-tecnologia/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

FRANCO, B. C. S. M.; LOPES, A. M.; BRETERNITZ, V. J. Gestão da Tecnologia da Informação: preconceitos de gênero prejudicam a carreira de mulheres que atuam na área? Revista Brasileira em Tecnologia da Informação, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 22-34, 2019. Disponível em:

<https://www.fateccampinas.com.br/rbti/index.php/fatec/article/view/10>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Fraser, M. T. D.; Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Psicologia em Estudo, 9(2), 269-278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 18 jul. 2024.

FREITAS, Mayanne Julia Tomaz. Mulheres na computação: experiências, trajetórias e perspectivas de estudantes universitárias. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

Guenes, P.; Tomaz, R.; Kalinowski, M.; Baldassarre, M. T.; & Storey, M.-A. (2024). Impostor phenomenon in software engineers. In 2024 IEEE/ACM 46th International Conference on Software Engineering: Software Engineering in Society (ICSE-SEIS), pages 96–106

Guimaraes Junior, J. C.; Braga, F. C.; da Conceição, J. L. M.; Paz, C. F.; de Paula, W. S.; Silva, E. F. (2022). Análise da importância do ensino-aprendizagem de informática nas escolas. Research, Society and Development, v. 11, n. 2, e42411225708

HEWLETT, S. A.; SHERBIN, L.; SUMBERG, K. The Sponsor Effect: Breaking Through the Last Glass Ceiling. Harvard Business Review Research Report, 2010

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mulheres têm mais diploma na universidade e vão mais à escola do que os homens, diz IBGE. R7, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/mulheres-tem-mais-diploma-na-universidade-e-vao-mais-a-escola-do-que-os-homens-diz-ibge-08032024/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

INEP. Censo da Educação Superior 2022: Notas Estatísticas. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-da-educacao-superior-2022-notas-estatisticas>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LAURETIS, Teresa de. Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction. Bloomington: Indiana University Press, 1987. p. 5.

LIMA, F. I. A. de; VOIG, A. E. G. T.; FEIJÓ, M. R.; CAMARGO, M. L.; CARDOSO, H. F. A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 33–50, 2017. DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10818>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MACEDO, Maysa M. G.; MATTOS, Andrea Britto; VASCONCELOS, Marisa; MARTINAZZO, Alexandre; LOPES, Roseli. Identificando Influências na Escolha de uma Graduação em Exatas: um Estudo Qualitativo e Comparativo de Gênero. In:

WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 12. , 2018, Natal. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2018 . ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2018.3377>.

MACHADO, Giulia Mora. A questão de gênero na área de tecnologia e inovação: um estudo de caso. Orientadora: Mari Neia Valicheski Ferrari. Coorientadora: Maria Zanellato Fonseca Mayer. 2020. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Gestão da Tecnologia da Informação, Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1672>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MACHADO, J. R. F. Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. Devir Educação, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e-697, 2023. DOI: 10.30905/rde.v7i1.697. Disponível em: <https://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/697>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MARGOLIS, Jane; FISHER, Allan. Unlocking the Clubhouse: Women in Computing. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

Master, A., Meltzoff, A. N., & Cheryan, S. (2021). Gender stereotypes about interests start early and cause gender disparities in computer science and engineering. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 118(16), e2100030118. <https://doi.org/10.1073/pnas.2100030118>

MEDEIROS, Ana; FERREIRA, Isadora B. M. C.; FONSECA, Lucas; ROLIM, Cledja. Percepções sobre a tecnologia da informação por alunas de ensino médio: um estudo sobre gênero e escolhas profissionais. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 16. , 2022, Niterói. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022 . p. 122-132. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2022.222780>.

MELLO, Aline Vieira de; PETRÓ, Vanessa; MELO, Amanda Meincke; FINGER, Alice Fonseca; SÁ, Maiara Neri Bustamante. Egressas de Cursos de Computação: o quê as influenciou a escolherem um curso na área?. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 17. , 2023, João Pessoa/PB. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023 . p. 113-123. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.229508>.

MENEZES, S. K. de O.; SANTOS, M. D. F. dos. Gênero na Educação em Computação no Brasil e o Ingresso de Meninas na Área - uma Revisão Sistemática da Literatura. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, [S. l.], v. 29, p. 456-484, 2021. DOI: 10.5753/rbie.2021.29.0.456. Disponível em: <https://journals-sol.sbc.org.br/index.php/rbie/article/view/2978>. Acesso em: 4 nov. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, n. 40, p. 13-27, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34958005002>. Acesso em: 12. set. 2024.

O Globo. Mulheres são minoria em cursos de TI e percentual de formadas em exatas cai em dez anos. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2024/03/08/mulheres-sao-minoria-em-cursos-de-ti-e-percentual-de-formadas-em-exatas-cai-em-dez-anos.ghtml>. Acesso em: 13. set. 2024.

OPENAI. Whisper: sistema de transcrição automática de áudio. Disponível em: <https://github.com/openai/whisper>. Acesso em: 1 nov. 2024.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007. p. 123.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 3ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

QUEIROZ FERREIRA, P.; BUENO, J. M. Barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente acadêmico e organizacional do setor de tecnologia da informação. Teoria e Prática em Administração, [S. l.], v. 13, n. 1, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2238-104X.2023v13n1.64708. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tpa/article/view/64708>. Acesso em: 31 jan. 2025.

RAMOS, Ana Isabela M.; ARAÚJO, Fabíola O.. Questões de Gênero e a Evasão de Mulheres nos Cursos de Computação: Um Estudo de Caso na Região Metropolitana de Belém. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 16. , 2022, Niterói. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022 . p. 239-244. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2022.223115>.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. Informática: domínio masculino?. Cadernos Pagu, n. 10, p. 169-200, 1998.

RIZZATTI, Daniela Bach et al . Transição de carreira em adultos brasileiros: um levantamento da literatura científica. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte , v. 11, n. 1, p. 153-173, 2018 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000100012&lng=pt&nrm=iso. acessos em 31 jan. 2025. <https://doi.org/10.36298/gerais2019110112>.

Rocha, D.; Daher, M. D. C.; Sant'Anna, V. L. de A. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. Polifonia, [S. l.], v. 8, n. 08, 2004. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>. Acesso em: 13 set. 2024.

Rodrigues Filho, E.; do Prado, M. M.; Prudente, C. O. M. O princípio da autonomia como fundamento do consentimento livre e esclarecido. Revista Estudos - Revista de Ciências Ambientais e Saúde (EVS), Goiânia, Brasil, v. 42, n. 4, p. 613–625, 2015. DOI: 10.18224/est.v42i4.4380. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/4380>. Acesso em: 13 set. 2024.

SAGRES ONLINE. No Brasil, mulheres representam apenas 16,5% dos estudantes em cursos de TI. Sagres Online, 2023. Disponível em: <https://sagresonline.com.br/no-brasil-mulheres-representam-apenas-165-dos-estudantes-em-cursos-de-ti/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SALES, Angelina S. da S.; REIS, Luana S.; LIMA, Mª Dayane F. C.; SILVA, Danielle R. D.. Evasão das Mulheres dos Cursos de Computação: Um estudo de Caso na Paraíba. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 11. , 2017, São

Paulo. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2017 . p. 1167-1170. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2017.3426>.

SANTOS, Nayara Dias dos; MARCZAK, Sabrina. Fatores de atração, evasão e permanência de mulheres nas áreas da computação. PUCRS, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230789>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SILVA, Airtton Marques da. Metodologia da Pesquisa. 2. ed. rev. Fortaleza, CE: Editora UECE, 2015.

SILVA SANTOS, M. T. .; PISETTA VAN VOSSEN, L. .; VASCONCELLOS, D. .; TOMASELLI BORCHARDT, G. .; VAICHULONIS, G. .; BOLAN FRIGO, L. .; GASPARINI, I. . Análise da evasão feminina nos cursos de Ciência da Computação das universidades públicas e presenciais de Santa Catarina. RENOTE, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 233–242, 2022. DOI: 10.22456/1679-1916.126669. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/126669>. Acesso em: 31 jan. 2025.

SILVA, Vanessa L.; LUCENA, Dandhara P. R. M.; AURELIANO, Viviane C. O.. Mulheres em Empresas de Tecnologia: Análise e Desafios da Carreira Tecnológica no Estado de Pernambuco. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 17. , 2023, João Pessoa/PB. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023 . p. 416-421. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230730>.

SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional. 2002. p. 45.

SOFTTEX. W-Tech: O panorama da participação feminina no setor de TICs. 2024. Disponível em:

<https://softex.br/observatorio/w-tech-o-panorama-da-participacao-feminina-no-setor-d-e-tics/>. Acesso em: 11. set. 2024.

SOUZA, Maria Luíza Rodrigues Sampaio de. Gênero e Escolha Profissional. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural) – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

TRAUTH, E. M. Odd girl out: an individual differences perspective on women in the IT profession. Information Technology & People, v. 15, n. 2, p. 98–118, 2002. DOI: 10.1108/09593840210430552.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 9. ed. São Paulo: Atlas, 1987. p. 147.

UNESCO. Decifrar o código: educação de meninas e mulheres em ciências, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000253479>. Acesso em: 18 jul. 2024.

VARDENSKI, Alex; PEREIRA, Ana Lucia; MEZA, Elisangela dos Santos; GALVÃO, Poliana Beatriz do Nascimento. O INTERESSE PELA MATEMÁTICA INFLUENCIA NA ESCOLHA POR UMA CARREIRA CIENTÍFICA OU TECNOLÓGICA NO ENSINO SUPERIOR?. Revista Valore, [S. l.], v. 6, p. 52–65, 2021. DOI: 10.22408/reva60202178952-65. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/789>. Acesso em: 23 jan. 2025.

VERX. Mulheres no universo de TI. Disponível em:
<https://www.verx.com.br/mulheres-no-universo-de-ti/>. Acesso em: 13 set. 2024.
VIEIRA, A. et al.. Um estudo das relações entre gênero e âncoras de carreira.
Cadernos EBAPE.BR, v. 17, n. 3, p. 577–589, jul. 2019.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

SANTOS, A. C. B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Disponível em:
<https://docs.google.com/forms/d/1Hqqc-lrlKustkCR3z1W04qyuw6vY9d2s-xZsNarD3PU>

APÊNDICE B - ROTEIRO DE PESQUISA

SANTOS, A. C. B. Roteiro de Pesquisa. Disponível em:
https://docs.google.com/document/d/1ku9_Yj_hE5K48cPGJsx1glvDnRgtEwR6K3qogO9PF14/edit?usp=sharing

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior